

ESCRITO E
DIRIGIDO POR
**DARA
AUDAZI**

O DESEQUILÍBRIO
REFLEXÕES DE UMA ARTE-EDUCADORA CIRCENSE

VOLUME I E VOLUME II



Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Cênicas

O Desequilíbrio
Reflexões de uma arte-educadora circense.

Yandara Fabiana Araújo Sousa

Brasília, 2019.

YANDARA FABIANA ARAÚJO SOUSA

O Desequilíbrio
Reflexões de uma arte-educadora circense.

Trabalho de conclusão de curso, realizado no departamento de Artes Cênicas da UnB pelo título de licenciatura.

Orientadora: Fabiana Marroni Della Giustina.

Brasília, 2019.

Agradecimentos

Eu poderia escrever mais trinta páginas para agradecer. Mas vou tentar resumir ao máximo e não ser tão emotiva quanto estou agora. Os primeiros agradecimentos, de todo meu coração, são para a minha família. Minha mãe, Lina Cardoso, quem sempre cuidou de mim com todo carinho do mundo e sempre me ajudou a conquistar cada objetivo que eu tivesse, sem se importar se fazia sentido ou não. Meu pai, José de Brito, que com o seu jeito quieto e fechado consegue me mostrar com cada abraço e cada gesto que podemos amar e demonstrar de diversas maneiras, não medindo esforços para me ajudar em meus objetivos. Meu irmão, Fabiano Audazi, a quem devo grande parte do que sou hoje, quem cuidou de mim desde sempre e me mostrou que não importa como, precisamos correr atrás daquilo que nos faz feliz.

Agradeço imensamente ao meu melhor amigo e parceiro de vida Matheus Cabral, que acompanhou todo o processo da escrita deste trabalho, leu, ajudou, escutou, opinou e compartilhou sobre todas as etapas, tornando possível a sua finalização, cuidando de mim e me ajudando em tudo que precisei durante este período.

Algumas pessoas são responsáveis por esta conquista, por mudarem o meu destino de uma forma linda, e por serem mestres que me ajudaram a trilhar este longo caminho. Aline Seabra, Hugo Nicolau e Ricardo Cruccioli, que me deram a oportunidade de conhecer e me apaixonar pelo teatro, Silvia Paes que me fez descobrir o quanto eu tinha para doar e me doar ao palco e Cyntia Carla que me apresentou ao circo, acreditou e confiou no meu trabalho desde sempre como aluna, profissional, amiga e parceira de grupo. E aos mestres que vieram pela Universidade que deixaram de alguma forma uma marca intensa do seu trabalho no meu “eu artista” de hoje: Édi Oliveira, Vann Porath, Ângela Barcellos Café, César Lignelli, Alice Stefânia, Luiz Carlos Laranjeiras, Glauber Coradesqui, Márcia Duarte e Fabiana Marroni que além de me permitir assistir e fazer parte de sua prática, aceitou me orientar durante essa saga.

Agradeço aos meus colegas de trabalho e de vida que tive o prazer de conhecer e ser o Grupo Enleio durante o curso. Vou levá-los para a vida inteira assim como tudo que aprendemos juntos: Arthur Scherdien, Bruna Dutra, Brendon Hoffman, Natália Venturelli, Natália Macedo, Gabriel Gabor, Gabriel Alex, Carol Franklin, Luiza Coimbra, João Aguiar e Tainá Martins. Agradeço também à Súlian Princivalli, Thiago Enoque, Pedro Martins, Ana Sofia Lamas, que são parte da Trupe de Argonautas, e Luciano Czar que apesar de ex membro me ensinou muito na teoria e na prática.

Agradeço àqueles que me acompanharam durante todo o curso, segurando minha mão, ouvindo os desesperos aos finais de semestre e sempre me apoiando, não importando como,

quando ou onde. Eles sempre estiveram lá quando precisei. Agradeço demais à Jiló Medeiros, Paulin Alcântara, Preto Campos e Úlli de Oliveira por serem os melhores companheiros de curso! Por fim, grata a Universidade por me proporcionar durante estes quatro anos, uma fonte inesgotável de saberes que levarei para a vida inteira.

RESUMO

Apesar de ser um trabalho de conclusão de curso, isto não é uma monografia. Em formato de livro, proponho fazer um levantamento e uma reflexão sobre temas a serem pensados nas abordagens pedagógicas circenses através de minha própria trajetória pessoal. Utilizo de minhas memórias enquanto aluna de movimento (esportes, circo, teatro) e enquanto professora de teatro e circo para identificar estes temas latentes na minha prática pedagógica circense, e como as minhas experiências pessoais a transformam diariamente.

Sua estrutura baseia-se na obra cinematográfica *Kill Bill*, volumes 1, de 2003 e volume 2, de 2004, dirigida por Quentin Tarantino, escrita por ele em parceria com Uma Thurman. Além de ser dividida em “Chapters”, como no filme, faço relações entre a minha história e a saga da personagem principal. No volume 1 conto o meu processo pessoal enquanto aluna que um dia sonha em se tornar professora. No Chapter 5 convido mulheres de diferentes áreas do movimento para conversar sobre um dos fatores de principal influência na minha trajetória: ser mulher. O volume 2 é a concretização do sonho, as motivações, as experiências de chegar neste lugar e as questões que nunca param de surgir. Por fim, o Chapter 10: Bill! Onde finalizo os meus questionamentos e reflito sobre as conclusões geradas a partir da convergência de todas estas experiências juntas, que contribuíram para a arte-educadora em que me tornei/estou me tornando.

Chapters

¹ Ordem do Filme	Ordem Cronológica
Capítulo 1: (2)	Capítulo 8: O Cruel Treinamento de Pai Mei
Capítulo 2: A Noiva Ensangüentada	Capítulo 6: Massacre em Two Pines
Capítulo 3: A Origem de O-Ren	Capítulo 2: A Noiva Ensangüentada
Capítulo 4: O Homem de Okinawa	Capítulo 3: A Origem de O-Ren
Capítulo 5: Confronto na Casa das Folhas Azuis	Capítulo 4: O Homem de Okinawa
Capítulo 6: Massacre em Two Pines	Capítulo 5: Confronto na Casa das Folhas Azuis
Capítulo 7: O Solitário Túmulo de Paula Schultz	Capítulo 1: (2)
Capítulo 8: O Cruel Treinamento de Pai Mei	Capítulo 7: O Solitário Túmulo de Paula Schultz
Capítulo 9: Elle e Eu	Capítulo 9: Elle e Eu
Capítulo 10: Cara a Cara	Capítulo 10: Cara a Cara

Atenção! Ao longo deste trabalho irei relacionar cada Chapter da minha história, com os de Kill Bill, nem sempre na mesma ordem.

¹ Tabela do site https://pt.wikipedia.org/wiki/Kill_Bill.

Lista de Figuras

Figura 1 – Divulgação do espetáculo Dispa-se. Fotografia: Hugo Nicolau, 2015.

Figura 2 – Cena do espetáculo de teatro do oprimido Transições de impacto, 2015. Fotografia: desconhecido.

Figura 3 – Apresentação Love Circus, meu primeiro número de circo. Fotografia: Livia Bennet, 2017.

Figura 4 – Beatrix Kiddo contra o exército dos 88 loucos. Fotografia: desconhecido.

Figura 5 – Capa do caderno de redações da turma de Formandos da Educação Infantil de 2004. Colégio Vôo Livre.

Figura 6 – Apresentação para o caderno de redação dos Formandos da Educação Infantil de 2004. Colégio Vôo Livre.

Lista de Influências

Em cada capítulo abordo um momento importante da minha história que contribuiu para a minha prática pedagógica e influencia diretamente em minhas escolhas metodológicas hoje em dia. Deixo aqui, lista que resume objetivamente essas influências:

Chapter 1 – Deixar fluir o SER

Chapter 2 – Compreender e estimular a busca por IDENTIDADE.

Chapter 3 – A ARTE circense teatral

Chapter 4 – A Trupe de Argonautas

Chapter 5 – Ser MULHER

Chapter 6 – Ser MONITORA

Chapter 7 – Ter, compreender, estudar, valorizar e superar o MEDO

Chapter 8 – Trabalhar e desenvolver PROGRESSÕES

Chapter 9 – Promover a AUTOESTIMA e a CONFIANÇA através de pequenas e grandes conquistas

Chapter 10 – PERSEVERANÇA

SUMÁRIO

PRÓLOGO.....	11
VOLUME 1: ALUNA!	14
CHAPTER 1. MOVENDO POR INSTINTO	14
CHAPTER 2. MOVENDO POR NECESSIDADE	16
CHAPTER 3. QUE CIRCO É ESSE, MOÇA?.....	21
CHAPTER 4. O CIRCO DA TRUPE DE ARGONAUTAS: EU CIRCENSE.....	25
CHAPTER 5. MULHERES FORTES!.....	29
VOLUME 2: PROFESSORA!.....	39
CHAPTER 6. MONITORIA	39
CHAPTER 7. O VÍCIO DE VENCER MEDOS E ULTRAPASSAR LIMITES	41
CHAPTER 8. A SALA DE AULA.....	44
CHAPTER 9. ELAS ESTARÃO LÁ!	51
CHAPTER 10. BILL!	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59
APÊNCIDES	60

PRÓLOGO

*É curioso como as cores do mundo real parecem
muito mais reais quando vistas no cinema.*

(Alex, Laranja Mecânica)

Você já saltou? Já teve que pular para algum lugar onde achou que não chegaria? É exatamente assim que me sinto desde que comecei a me entender como artista. No terceiro semestre do curso de Artes Cênicas, na matéria de Interpretação Teatral 3, tive que fazer um memorial como trabalho final. Li um dos textos que influenciaram a minha escrita a partir dali: *Seis coisas que sei sobre o treinamento de atores*, escrito em 2009 por Anne Bogart. Ela é diretora, professora, escritora e uma das responsáveis pela criação do método *view points*.

Uma frase do artigo escrito por Anne me chamou atenção: “Todo ato criativo requer um salto no vazio.” (BOGART, 2009, p. 37), por isso, o título do meu trabalho foi “O salto”. Me sentia pela primeira vez saltando em direção a um teatro que eu não conhecia – fui apresentada o teatro físico. No semestre seguinte, a professora pediu mais um memorial, dessa vez em Psicologia da Educação. Por que não continuar a minha saga? Adicionei o texto de Anne a minha bibliografia e escrevi o segundo episódio intitulado por “A queda”, onde pude falar sobre educação relacionando a minha prática de monitora da matéria de Movimento e Linguagem 3 e o circo. Então, o terceiro episódio veio na matéria de Direção, no sexto semestre, quando escrevi “O vazio”. Dessa vez, citando Anne Bogart da perspectiva da qual ela escreve: a direção. Ela me confortou diversas vezes principalmente sobre estar perdida e confusa no meio do processo. “O salto”, sobre a atriz que estava me tornando. “A queda”, sobre a educadora. “O vazio”, sobre a diretora. Agora quero te convidar para o quarto e último episódio: O desequilíbrio. Já reparou que para saltar o mais longe possível é necessário desequilibrar? Já reparou que para equilibrar-se, você precisa entender o que é, e como lidar com o desequilíbrio?

Um dos meus filmes preferidos é Kill Bill. Já viu?! Ótimo! Espero que você se divirta lendo os próximos *Chapters*! Eita, espera aí, não viu?! Corre! Veja² antes de começar a ler este trabalho! Mas, caso não tenha visto, tudo bem. Te convido a assisti-lo através das minhas palavras.

² Já te adianto que hoje, em novembro de 2019, não está na Netflix, mas como um dia já esteve não custa nada dar uma olhadinha. Eu baixei, porque online e legendado, com boa qualidade não consegui achar. Você pode até tentar alugar, se for o caso. Você pode procurar em sua TV por assinatura, se tiver. Pode dar trabalho, mas vale a pena.

Um dia me apaixonei por cinema, e por isso, hoje estou fazendo este TCC. Uma adolescente viciada em filmes e séries, que decidiu ser diretora de cinema durante a última temporada da série *Breaking Bad*, e nunca senti tanta certeza de uma escolha na vida! (até aquele momento). O cinema me mostrou universos diversos, possibilidades e me proporcionou viagens extraordinárias. Vicieei em ver o impossível acontecer e ao mesmo tempo, ver a realidade ganhar vida através das telinhas, como diz Alex, do livro e filme *Laranja Mecânica*³: “É curioso como as cores do mundo real parecem muito mais reais quando vistas no cinema”.

Não poderia deixar de usar algum filme, mencionar ou discutir sobre, afinal, é uma conexão que nunca deixarei de ter. Assisti pela primeira vez o filme *Kill Bill*⁴ quando era muito criança. Escolhi *Kill Bill* para ser a linha que vai amarrar a minha pipa (sim, as minhas analogias não são das melhores) e ser o fio condutor da minha escrita porque Beatrix Kiddo, ou “A noiva”, personagem principal do filme, foi a primeira referência feminina da mídia em geral que adotei com orgulho porque me sentia finalmente representada de forma forte, determinada e pela primeira vez, nada sexual.

Um dos fatores mais importantes de toda a minha trajetória é o fato de que sou mulher. Por vezes, fui obrigada a fazer curvas e lidar com mais quebra-molas do que um homem precisaria. Isso formou grande parte da educadora que sou e venho me tornando, pois acredito que o maior poder que um professor pode ter é de te fazer sentir que “você é capaz!”. Tento levar isso a todos os meus alunos e alunas, mas em especial para as meninas.

Vejo refletido no trabalho de Quentin Tarantino, diretor de *Kill Bill*, os sonhos e as brincadeiras violentas de um menino, que viraram histórias que transpassam o surreal e o real, e brincam com o telespectador. Sua estética é um convite para brincar e imaginar realidades. Em todo filme ele aperta nossa e mão e diz: “Finge que é possível, tá?”, e nós adoramos acreditar. Como em outros filmes dele, *Kill Bill* é dividido em capítulos (*Chapters*). Por isso, a minha monografia se dará em vários *chapters*. Durante este trabalho irei te levar para algumas das minhas memórias mais preciosas, por isso, usarei uma linguagem coloquial que, talvez, te dê a sensação de um bate papo de lanchonete. De fato, este é um dos meus objetivos. Espero que você leia curtindo cada momento! Pegue uma pipoca, um lanchinho, se sente de maneira confortável, ou se deite, enfim, quero que se sinta livre de desconfortos para embarcar comigo.

³³ *Laranja Mecânica* foi o primeiro filme que me dediquei a estudar, ler sobre, conhecer a história e assim, através dele, conheci mais sobre o mundo do cinema cult e adentrei a outros universos cinematográficos. É um filme de 1971, dirigido por Stanley Kubrick.

⁴ Dirigido por Quentin Tarantino, o Volume 1 de *Kill Bill* foi lançado em 2003, seguido pelo Volume 2 em 2004.

Por isso, neste momento, tô estendendo minha mão e esperando você apertá-la. Finge que é possível, tá? Porque de fato é! Vamos?!

VOLUME 1: ALUNA!

“No volume 1 do filme, A Noiva (Uma Thurman) é uma perigosa assassina que trabalhava em um grupo, liderado por Bill (David Carradine), composto principalmente por mulheres. Grávida, ela decide escapar dessa vida de violência e decide se casar, mas no dia da cerimônia seus companheiros de trabalho se voltam contra ela, quase a matando. Após quatro anos em coma, ela desperta sem o bebê e com um único desejo: vingança. A Noiva decide procurar, e matar, as cinco pessoas que destruíram o seu futuro, começando pelas perigosas assassinas Vernita Green (Vivica A. Fox) e O-Ren Ishii (Lucy Liu).”⁵

Assim como A Noiva, tracei objetivos claros ao conhecer o teatro. Neste primeiro volume vou te contar um pouco da saga desse encontro que mudou a minha vida completamente, e como fui/estou indo em busca de um sonho. Para A Noiva, seu objetivo era matar Bill. Quer descobrir qual é o meu?!

CHAPTER 1. MOVENDO POR INSTINTO

O homem que puxa a alavanca que quebra seu pescoço vai ser um homem sem paixão. E essa falta de paixão é a essência da justiça. Porque justiça feita com paixão está sempre em perigo de não ser justiça.

(Oswaldo Mobray, Os Oito Odiados)

Estar em movimento sempre foi uma das maiores prioridades da minha vida. Na infância, as melhores brincadeiras eram aquelas que me faziam jogar, correr, saltar, dar estrelinhas, dançar e chegar em casa toda suja, suada e cansada.

Sou conhecida na rua onde morei por muitos anos como “a menina que descia a avenida dando **estrelinhas** no asfalto”. Quebrei a cama dos meus pais por querer **saltar** o mais alto possível para cair com as pernas no formato informalmente conhecido por “borboleta”. Quebrei o dente quando tentei **pular** corda num piso de cerâmica com um pano de chão durante o banho. Sempre que pudesse **correr**, eu corria. Meu irmão se aproveitava bastante disso. “Dara, eu

⁵ Sinopse do site <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-28541/> (acesso em 17 de novembro de 2019).

duvido você ir lá no mercado e buscar uma coca e um Fandangos para mim em menos de 1 minuto.” É, a técnica dele funcionava.

Às vezes a gripe chegava e com ela a quentura. Minha mãe dizia “tem que suar a febre menina!”, me dava dipirona para tomar e recomendava repouso. Ficava quietinha por alguns minutos e logo estava lá, toda espoleta dançando e pulando. Encontrei essa memória no meu 4º semestre de curso, quando me vi desesperada com prazos e responsabilidades sendo prejudicados por uma gripe. Mais uma vez, ela me deu a dipirona e disse para eu me aquietar. Mais uma vez desobedeci. Afastei os sofás, coloquei a música *Inca Yuyo* da banda *Perotá Chingò*, e dancei. Mais uma vez o movimento me acolheu e me curou, dessa vez não só da gripe, mas de todo o estresse, de todas as preocupações, de toda dor e de todo cansaço que eu estava sentindo naquele momento. Estrelinhas, corridas, saltos, pulos, dança... Cinco coisas que sempre fiz, mas nunca pensei que **trabalharia** com elas. Durante as brincadeiras eu escolhia profissões como médica, secretária, arquiteta e qualquer outro trabalho que poderia ter um escritório para atender pessoas, mas de fato, nem nas brincadeiras, conseguia ficar sentada atrás de uma mesa.

Apesar de ser inquieta, nunca fui muito estimulada pelos meus pais a ser tão ativa corporalmente como sempre fui, apenas segui o exemplo do meu irmão que estava o tempo todo na rua jogando bola, soltando pipa, correndo e brincando. Queria ser que nem ele. Tentava. Me colocaram por um tempinho no jazz e no ballet, quando colocaram ele na escolinha de futebol. Em geral, era assim a divisão dos meninos e meninas da escola. Mas, por uma coisa eu sempre fui grata, minha família nunca disse que eu **não podia**. Exceto na época em que eu preferia andar só de calcinha já que era mais confortável. Me perguntei durante muito tempo por que eu não podia já que meu irmão, cinco anos mais velho, andava da forma que lhe fosse mais conveniente.

Aqui, eu começo a me mover intensamente. Me encontrar nas brincadeiras que envolviam o corpo. Começaram também as restrições dos adultos e das próprias crianças sobre quem eu era e quem eu poderia me tornar.

Primeira influência direta na minha prática pedagógica: deixar o meu aluno e a minha aluna (principalmente criança) SER. Apenas ser. Aproveitar aquilo vem dele ou dela para deixar a minha aula acontecer, e não tentar introduzir o meu eu em seus mundos sem entender que mundos são estes.

No primeiro capítulo do filme, Beatrix vai em busca de Vernita Green. Uma das assassinas que tentou causar a sua morte, e a executa em frente à sua filha Nikki. A partir desse momento, Nikki nunca mais será a mesma. Na cena, ela fica em choque, assim como no dia em que percebi que não era por “ser mais nova” que eu não poderia andar sem blusa, e sim, porque eu era uma menina. A partir dali minha percepção sobre o mundo mudou. E eu também, nunca mais fui a mesma.

CHAPTER 2. MOVENDO POR NECESSIDADE

*É aí que você sabe que encontrou alguém especial.
Quando pode apenas calar a boca e
confortavelmente apreciar o silêncio.*

(Mia Wallace, Pulp Fiction)

Eu queria jogar bola! Durante alguns anos treinei e joguei handebol pelo time da escola. Eu era apaixonada! Passava a tarde e um pouco da noite no ginásio e quando tinha um intervalo pedia uma bola para o professor e inventava milhões de novos jogos com os meus amigos. Mas, troquei de escola nos anos finais do Ensino Fundamental. Esta não tinha uma cultura esportiva forte como a outra. Fiquei longe das quadras por um tempo. Me aproximei dos jogos de computadores. Vício. O início de uma depressão. Felizmente percebi a quão nociva estava a minha rotina. Procurei o vôlei da escola. Como sempre escutando comentários sobre o meu tamanho e a minha fragilidade. Os comentários viraram estímulos. Me restabeleci novamente, competi com o time da escola, e um tempo depois estava viajando para competir com o time da cidade. Quando tudo estava indo bem, troquei de escola mais uma vez, mudei de estado. O processo se repetiu, e mais uma vez eu não estava bem. Quando percebi o padrão corri atrás do vôlei novamente, por mais que esta escola também não se importasse muito com esportes, eu brincava um pouco na educação física e já me sentia melhor. Os comentários nunca pararam, mas dessa vez havia consciência de que não estava ali pelos outros, e sim por mim mesma.

Só queria comentar que decidi me “exercitar” porque foi a única coisa que me levantou da depressão. Seguimos lutando! (Tammy ⁶Bennech, 31 anos, calistenia⁷)

Primeiro ano do Ensino Médio, Planaltina - GO, decidi fazer Cinema. Segundo ano do Ensino Médio, a vontade só aumentou. Terceiro ano do Ensino Médio, já morando em Sobradinho-DF, na aula, escuto pela rádio da escola “Professores oferecem uma oficina de teatro gratuita. Inscrições no intervalo na sala de artes”. Patrícia, a professora de literatura imediatamente diz: “Eu te libero mais cedo para ir para a fila!” E fui. Peguei o folheto que continha as instruções: “Mande um e-mail dizendo porque gostaria de fazer teatro”. Segue abaixo o e-mail que enviei aos professores.

Ter, 07/04/2015 17:31

Há um tempo atrás, pensando no que cursar e tentando seguir o clássico conselho de fazer o que se gosta, me dei conta que tinha uma paixão especial: cinema! Então pensei: "Se até o terceiro ano nada mudar, é isso!". Mas mudou. A paixão aumentou, não só pelo cinema, mas também pelo teatro. Queria começar de algum jeito, só não sabia como. Quando fiquei sabendo do projeto, não pensei duas vezes.

Por isso, gostaria muito de ter a oportunidade de conhecer o teatro na prática, até mesmo para ter certeza de que estou fazendo a escolha certa, afinal de contas, pretendo fazer do cinema e do teatro, a minha vida.

Yandara Fabiana

Recebi o e-mail de confirmação! Minha mãe me acompanhou na reunião dos responsáveis. Estava tão ansiosa que eu e minha mãe fomos as primeiras a chegar ao local onde eu passaria as minhas tardes de terças e quintas brincando, sonhando e experimentando o que mais tarde se tornaria a minha rotina e o meu trabalho.

Conheci logo depois pessoas que mudariam a minha vida: Aline Seabra, Hugo Nicolau, Silvia Paes e Ricardo Cruccioli. Eles foram os meus primeiros professores de teatro e aqueles que me convenceram do poder da educação. Graças a eles eu escolhi a licenciatura e as Artes Cênicas. Os quatro estavam fazendo mestrado na Universidade de Brasília e precisavam de um

⁶ Confira a entrevista completa de Tammy no fim deste trabalho, nos anexos! Adiante, falarei mais sobre estas entrevistas.

⁷ Treinamento com o próprio peso corporal.

grupo de adolescentes para estudar seus temas. Aline, Hugo e Ricardo decidiram realizar uma oficina juntos, cada um conduzindo aulas e experimentos acerca do seu tema de mestrado. Aline⁸ escreveu sobre processo colaborativo, Hugo⁹ sobre a relação com o espaço e Ricardo¹⁰ sobre identidade e construção de personagem.

Durante três meses convivemos intensamente. Uma oficina básica, um grupo de adolescentes que nunca se comunicaram mesmo estudando na mesma escola. Éramos alunos do CEMSO – Centro de Ensino Médio Setor Oeste – que fica na 912 sul, em Brasília. Como de costume no Plano Piloto, pessoas de diversas cidades satélites estudavam nessa escola. Dezessete alunos, um de cada canto do DF, juntos. Todos nós tínhamos algum julgamento sobre o outro que foi desconstruído durante o processo. Percebemos que deixamos de encontrar parceiros incríveis por julgamentos equivocados!

Identidade. Esse era o tema mais emergente dentro das nossas improvisações e cada vez mostrava-se mais latente no grupo. Assim nasceu Dispa-se, um espetáculo sobre cada um de nós – o que éramos e o que gostaríamos de ser.



Figura 1 – Divulgação do espetáculo Dispa-se. Fotografia: Hugo Nicolau, 2015.

Segunda influência direta na minha prática pedagógica: Identidade. Além de SER, precisa-se de espaço, liberdade e apoio para que o aluno ou aluna se conheça, se investigue, e comece a construir a sua identidade. A arte propõe este lugar de autoconhecimento, e nas

⁸ Dissertação de Aline disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/21358>

⁹ Dissertação de Hugo disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/21556>

¹⁰ Dissertação de Ricardo disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/23140>

minhas aulas procuro sempre valorizar ao máximo as características e desejos individuais para que possam investigar o seu próprio eu.

Logo depois conhecemos Silvia¹¹ Paes e recebemos mais um convite. Ela também precisava de um grupo para investigar o seu tema de mestrado sobre Teatro do Oprimido. Admito que Silvia era um pouco menos cuidadosa com detalhes do que os três mosqueteiros acima – claro, enquanto na outra oficina tinham três cabeças, ela administrou essa sozinha. E foi ótimo! Tivemos que ajudá-la a organizar tudo, desde o roteiro até o cronograma de ensaios gerais e apresentações. Nos fez crescer de uma forma absurda e com certeza influenciou diretamente nos artistas que iríamos nos tornar logo mais.

Mais três meses, uma oficina de Teatro do Oprimido, quase o mesmo grupo de adolescentes – alguns entraram, outros saíram – que agora andavam juntos e pensavam em como fazer arte pela escola. Demos aulas a pedido dos professores, fizemos performances, apresentamos cenas e todo mundo do CEMSO passou a conhecer a “galera do teatro”! Montamos então *Transições de Impacto* sobre violência infantil após percebermos que todas as histórias que trouxemos sobre opressão tinham a ver com a nossa infância.



Figura 2 – Cena do espetáculo de teatro do oprimido *Transições de impacto*, 2015. Fotografia: desconhecido.

Mais tarde, dois de nós entraram para o curso de Artes Cênicas, na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes – Cielo Almeida e Hírian Goulart –, e outros quatro entraram para Artes

¹¹ Dissertação de Silvia disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/21699>

Cênicas na Universidade de Brasília – Eu, Jiló Medeiros, Paulin Alcântra e Preto Campos. A estes, deixo os meus sinceros agradecimentos, pois estiveram comigo em todas as etapas dessa maluca aventura universitária.

A necessidade agora não era mais o esporte. Sabe quando bate a certeza que finalmente estamos no caminho certo? “O interesse nunca poderá ser recomendado. Ele é uma descoberta. Quando sentir esta aceleração, você tem que agir de imediato. Terá que seguir este interesse e segurá-lo firme.” (BOGART, 2009, p.39).

Universidade, 2016. Curso de teatro. Ainda existia um medo muito grande de estar em cena, de errar, de brincar. Movimento 3, o último. “*Não, espera, eu vou parar de me mover! Socorro*” – pensei durante o semestre. Então, corri atrás da professora da matéria de Encenação, figurino e maquiagem, Cyntia Carla. Além de circense, é uma das fundadoras da Trupe de Argonautas onde trabalha até hoje (te contarei mais sobre a Trupe daqui a pouco!). Ela me apresentou as aulas e o Espaço PÉ DiReitO¹². Conheci o que mais tarde se tornaria a minha principal pesquisa, o meu trabalho e o meu hobby.

Entendi que toda a minha trajetória desde criança foi movida pelos desafios mais do que qualquer outra coisa. Não era só dar estrelinhas, mas descer uma avenida inteira até onde eu aguentasse. Não era só pular corda, mas era conseguir pular com um pano de chão. Não era só pular no colchão, mas cair da forma que eu quisesse. Não era só passar a febre, era poder fazer o que eu quisesse mesmo doente. Não era só praticar um esporte, era realizar coisas que os outros diziam ser impossíveis para mim.

A minha primeira vez num palco foi numa apresentação de ballet da escola. “*Não pode existir bailarina gordinha, com óculos fundo de garrafa e uma armação verde cana*”, segundo o professor que arrancou os meus óculos minutos antes de entrarmos em cena. Nem lembro como dancei, o que acertei, o que errei... Lembro de ver tudo embaçado, e do quanto eu me esforcei para ver o rosto do meu irmão na plateia. Depois disso, para entrar em cena eu precisava repetir várias vezes para mim mesma que eu era capaz.

O circo me trouxe mais do que desafios, me trouxe confiança. Resgatou a criança que enxergava brincadeira no risco, no limite e no impossível. Deu chão e altura à minha dança. Tornou os saltos mais complexos, e as corridas um caminho. A minha identidade mudou completamente!

¹² Localizado na Vila Telebrasília, o Espaço PÉ DiReitO foi fundado por Pedro Martins em junho de 2012. Hoje, além de espetáculos, também recebe aulas, workshops e eventos não só de circo, mas também de diversas outras modalidades.

No filme, no *capítulo 2: A noiva ensanguentada*, Beatrix acorda do coma depois de 4 anos, consegue sair do hospital numa situação nada fácil, e se depara com o seu primeiro obstáculo: mexer as pernas. Sozinha, lidando com o seu próprio psicológico e o seu corpo, ela consegue recuperar seus movimentos básicos após 13 horas. Eu estava adormecida para muitas coisas assim como as pernas de Beatrix neste momento. Através da investigação da relação única de corpo e mente, o circo me ajudou a recuperar tudo aquilo que um dia tinha sido fácil. Aprendi a brincar, me arriscar, me divertir, aprendi a confiar em mim mesma, e depois consegui conquistar muito mais: aprendi a ter paciência, a lidar com a minha dor, a respeitar limites e desafiá-los ao mesmo tempo. Senti que poderia traçar o meu próprio caminho a partir de agora.

Trouxe tudo isso para a cena. Não sou mais atriz. Sou artista! Quer dizer, hoje sou capaz de me reconhecer e me identificar como tal. Comecei a transbordar movimento. Comecei a cativar pessoas para o universo circense e conhecer melhor quem já estava nele. Percebi então, que eu não era a única transformada. Todos tinham um ponto em comum: eram pessoas transformadas pelo ensino do circo.

CHAPTER 3. QUE CIRCO É ESSE, MOÇA?

A arte mais nobre é fazer os outros felizes.

(P.T Burnum, O Rei do Show)

Em *Kill Bill*, as melhores espadas do mundo eram feitas por Hattori Hanzo¹³. Beatrix vai até Okinawa, no Japão, atrás dele a fim que este faça mais uma espada para que ela mate Bill (ex discípulo de Hattori). Considero o teatro e o circo como as minhas principais armas para mudar a minha realidade e as pessoas, a fim de construir um mundo melhor. Assim, como no *Capítulo 4: O homem de Okinawa*, vou te contar um pouco da história das minhas armas, principalmente do circo.

Desde que nasceu, o circo tem sua essência espetacular e fora do comum que busca colocar em cena habilidades diferentes para formar um show, por isso, sempre existe uma confusão quando eu falo “sou do circo”. Acredito que você também esteja um pouco confuso ou confusa, afinal de contas, o que eu faço?!

¹³ Hattori Hanzo realmente existiu e é um dos lendários ninjas do Japão. Existem vários personagens de Hattori no cinema e nos seriados de TV e diversas lendas sobre a sua história.

Sou da área de acrobacias aéreas, coletivas e solo. E não, eu não aprendi com a minha família! Hoje não existe só o circo debaixo da lona. Sua cultura está mais consolidada e bem construída, o que torna a lona não mais necessária para identificação dessa arte. Seja na lona, na rua, no teatro, nas academias, escolas, ou na sala de aula, o circo acontece. Essa democratização do espaço circense também democratizou o seu ensino, antes passado de família para família e para as pessoas próximas, agora começa a se configurar em aulas e espaços de aprendizado social aberto a comunidade. Mas até isso acontecer, um longo caminho foi traçado. Parafraseando Simone de Beauvoir, “Não se nasce circense, torna-se circense!”.

Erminia Silva é uma pesquisadora de circo brasileira e autora do livro *Circo-teatro: Benjamim de Oliveira e a teatralidade circense do Brasil*, onde ela nos conta sobre o primeiro palhaço negro que se tem registro, Benjamim de Oliveira e como ele se torna o primeiro idealizador do circo-teatro no Brasil, e ainda nos conta um pouco dessa jornada da transformação do circo até a contemporaneidade. Além de graduada em serviço social, tem graduação, mestrado e doutorado em história pela UniCamp. Ela conta:

Por volta de 1760, em Londres, três entre as várias companhias que se formaram, mesclando os vários artistas da época e exibições eqüestres, são referências, em quase toda a historiografia européia, como as que deram origem ao que se denominará artes circenses: a de Price, a de Jacob Bates e a de Philip Astley. Dos vários grupos, os pesquisadores dão destaque à companhia de Astley, que, após ter se desligado de seu regimento, em 1766, iniciou com alguns companheiros apresentações públicas a céu aberto. Em 1768, alugou um campo próximo de Westminster Bridge e, dois anos depois, mudou-se para outro terreno vago a poucos metros do anterior, onde construiu tribunas de madeira em frente a uma pista circular, ainda sem cobertura, que implantou para maior, desenvoltura dos exercícios a cavalo. (Silva, 2007, pg.34)

De fato, os cavalos eram grandes responsáveis pelo show apresentado naquela época, mas também havia outras técnicas como “funambulismo (corda bamba), adestramento de animais, saltos acrobáticos, danças e pantomimas e exercícios equestres (com cavalos).”, ressalta Erminia.

A arte contemporânea se faz no encontro de linguagens e referências diversas valorizando essa relação dialética dos indivíduos diferentes. Assim como os ritmos musicais se influenciam cada vez mais, as linguagens da cena procuram dialogar umas com as outras para potencializar seus discursos. Aos poucos a preocupação com a estética e o discurso foi tomando conta também dos produtores de espetáculos circenses. Aos poucos cada área do show foi conquistando seu espaço específico, umas ganhando mais destaque e outras menos. Através do pantomimo o teatro também foi encontrando o seu lugar dentro dessa multiplicidade de habilidades.

Roland Auguet afirma que a introdução da pantomima no espetáculo teria sido concebida “apenas” para engrossar, reforçar ou, simplesmente, alongar os números nos quais a destreza física não era muito rica ou exigida. Esta é uma das explicações possíveis. Entretanto, se observarmos a descrição da diversidade artística disponível, o que se vê é que as representações teatrais, particularmente as do gênero da pantomima eram uma realidade entre os artistas teatrais da época, os mesmos que fizeram parte da composição dos espetáculos circenses. É difícil analisar a presença das representações teatrais, como querem alguns pesquisadores e historiadores do circo, entre eles Auguet, como algo que não era constitutivo do modo de representação artística do período. Se assim fosse, como explicar o fato de que ela se tornou a principal atração circense durante todo o século XIX e início do XX, tanto na Europa como nos países para onde migraram os artistas? Os circenses a transformaram de um “reforço” do espetáculo em um *grand spectacle*, como definiu Arnold Hauser, para o teatro, sendo que seus recursos residiam nos esplendores da *mise en scène* e na riqueza dos desdobramentos visuais. (SILVA, 2007, pg. 42)

Em seu dicionário, Patrice Pavis descreve a diferença entre o Mimo e a Pantomima: “O uso atual diferencia os dois termos valorizando-os diferentemente: o mimo é apreciado como criador original e inspirado. ao passo que a “pantomima” é uma imitação de uma história verbal que ela conta com “gestos para explicar”. O mimo tenderia para a dança, logo, a expressão corporal liberta de qualquer conteúdo figurativo; pantomima buscaria comparar por imitações de tipos ou situações sociais: “ [...] O mimo tende para a poesia, amplia seus meios de expressão, propõe conotações gestuais que cada espectador interpretará livremente. A pantomima apresenta uma série de gestos, muitas vezes destinados a divertir e substituir uma série de frases; denota fielmente o sentido da história mostrada. (pg, 244)

Vieram os *clowns* e suas entradas que muitas vezes não eram acrobáticas e sim encenadas, faladas e baseadas no movimento. Segundo Erminia, “O clown e o augusto conquistaram suas identidades. [...] Os artistas que os representavam (e representam) vestiam-se e se maquiavam de formas diferentes; na explicação de Levy, o clown “abandona então ao augusto a maquiagem matizada do grotesco, para adotar ele mesmo a face branca do pierrô”. O clown vestido com garbo e com o rosto muito branco será identificado como “clown branco”, cabendo a ele dar a réplica ao augusto, mas com aspiração à aparência brilhante, à autoridade absoluta, aquele que comanda a cena e domina o acontecimento. O clown, a partir de então, passa a ser a autoridade social, evocando as restrições, e o augusto, a explosão dos limites. Este interpretará as partes grotescas e ingênuas, continuará sendo acrobata e um especialista em chutes violentos seguidos de pantomimas, com abuso de cambalhotas, quedas inesperadas e saltos mortais.” (pg. 48)

Importante lembrar que, apesar de *clown* significar palhaço traduzido do inglês, são dois conceitos diferentes. Enquanto o clown costuma ser mais elegante, minimalista, com uma

composição visual predominantemente branca e uma construção técnica muito ligada ao teatro, o palhaço (ou Augusto como Erminia reconhece) é mais espalhafatoso, colorido e desastrado, adquirindo técnicas aprendidas pela tradição. O *clown* pode ser visto como um estado, ou seja, sem a maquiagem ainda existe um *clown*, enquanto o palhaço é um personagem.

Houve um grande falatório sobre a presença do *clown* no espetáculo, e como sempre ocorre quando um elemento novo surge, discutiu-se a legitimidade desse estilo de circo. Logo percebeu-se que a riqueza do circo é a sua pluralidade de formas e configurações não corretas de causar sensações. Quanto mais diferente, bem-vindo!

Apesar das críticas e debates em torno dos espetáculos circenses, a montagem e produção dos mesmos continuam as principais formas de expressões artísticas contemporâneas, apresentando um resultado que misturava music hall, variedades, teatro (cenas cômicas, pantomimas, operetas), ginástica, acrobacia e animais.[...] E é com esta base que, a partir do início do século XIX, na América do Sul registra-se a chegada de famílias européias compostas por circenses ou saltimbancos. (SILVA, 2007, pg. 52)

Em 1780 através da Argentina, chegam no Brasil algumas famílias já chamadas de circenses pelos historiadores do país. Aos poucos o circo itinerante vai tomando conta do teatro, das ruas e das festas das cidades que o recebe. A arte começa a chegar em lugares esquecidos pelo poder público. O espetacular espetáculo espetaculoso¹⁴ circense começa a ganhar vida quando cativa da criança ao adulto do mesmo jeitinho, e claro, o brasileiro começa a modificar os nomes para se aproximar a fim de sentir que aquele universo o pertence também.

A introdução de todo um mundo gestual, dos desafios dos corpos, da habilidade com os cavalos, da representação cênica, da dança, da música e do riso vai, aos poucos, fazendo-se conhecer pelo público nos lugares nos quais não chegava nenhum outro grupo artístico. Um novo linguajar também passa a fazer parte do vocabulário: eqüestre, equilíbrio, corda bamba, palhaço, acrobata, salto mortal (SILVA, 2018, pg.66)

Para muita gente, aquele espetáculo foi o mais perto que chegaram de vivenciar um pouco do fazer artístico e do universo lúdico da fantasia. O circo ganhou o mundo de suas diversas formas e o teatro se impregnou cada vez mais no fazer circense.

As pantomimas permaneciam como elemento principal, usadas para finalizar os espetáculos com “emoções apoteóticas”, explicitando cada vez mais a presença da mágica em suas montagens. A teatralidade circense explorou abundantemente essa variedade (não só nas pantomimas, como em outras representações teatrais), durante todo o final do século XIX; seguindo ainda, em parte, a herança européia, dava ênfase

¹⁴ Aquele que não precisa de muito para ser espetacular (incrível, ótimo...), apesar de sua espetacularidade (maquiagens, figurinos, cores exuberantes...). Que carrega na sua essência a virtuosidade de realizar façanhas estranhas, difíceis, e para alguns até impossíveis. O mais simples espetáculo (o produto) circense, se torna espetaculoso (grande, genial, impressionante...) frente à um público que se encanta com cada número.

aos temas heróicos, grandes batalhas e combates entre tropas e quadrilhas de bandidos. (SILVA, 2007, 105)

Uma das atrações mais tradicionais do circo também teve suas mudanças drásticas. Até o final do século XX os animais eram os personagens principais de todo o show. Em Abril do ano 2000 um garoto de 6 anos foi morto por leões em Pernambuco, e causou um alvoroço nos circos do país. Para se ver longe da polemica, os donos de circos começaram a se desfazer dos animais, chegando até a abandonar os bichos em ferrovias. Depois disso, nasceu a lei de proibição de animais em circo (exceto animais domésticos).

Terceira influência direta na minha prática pedagógica: O circo! Nele consegui juntar a minha paixão pela arte, pelo movimento e pelo treino físico e psicológico. Descobri onde está a minha paixão de ensino.

Comentei no início deste *chapter* como a contemporaneidade busca a integração de linguagens para potencializar o seu discurso. No circo, como vocês puderam ler um pouquinho, não é diferente. Depois de ler sobre a origem e como o teatro se envolveu nesse meio, quero te contar sobre o circo que eu acredito e faço junto com a Trupe de Argonautas! Vem comigo!

CHAPTER 4. O CIRCO DA TRUPE DE ARGONAUTAS: EU CIRCENSE

O objetivo mais alto do artista consiste em exprimir na fisionomia e nos movimentos do corpo as paixões da alma.

(Leonardo da Vinci)

No Capítulo 3: *A Origem de O-Ren*, o filme nos conta a história de O-Ren Ishii, chefe do crime organizado de Tóquio. Ela é um dos principais objetivos de Beatrix, e é a personagem de maior destaque no Volume 1 depois da protagonista, por isso tem um capítulo dedicado a contar a sua história. Assim como a Trupe de Argonautas, que foi/é fundamental na minha trajetória enquanto circense e professora. Um dia sonhei e tracei como objetivo ser parte da Trupe, e este capítulo contará um pouco dessa história.

Há 14 anos a Trupe de Argonautas tem resistido na cena artística da cidade de Brasília-DF. Muito do que vou contar a vocês está no livro *11 anos: Trupe de Argonautas*, escrito pelo grupo em 2016, e outro tanto está nas minhas escutas de 1 ano e meio para cá, sempre atenta às

histórias durante os ensaios e almoços conjuntos, pois afinal de contas, são 14 anos *né!* Atualmente, os integrantes são: Ana Sofia Lamas, Cyntia Carla, Dara Audazi, Lívia Bennet, Pedro Martins, Súlían Princivalli e Thiago Enoque. Todos fizeram parte da fundação do grupo, exceto eu e Enoque, que entramos há pouco tempo. Todos formados em Artes Cênicas pela UnB, exceto Lívia, Enoque e Ana Sofia. Lívia formou em cênicas pela Faculdade de Artes Dulcina de Moraes e fez pós-graduação em Educação Física. Enoque trancou cênicas na UnB, para mais tarde se formar em dança pela UFBA (Universidade Federal da Bahia) e depois na Escola de Circo da Argentina. Ana Sofia se formou em Turismo, e tem uma MBA (Master of Business Administration) na mesma área.

Nós temos uma missão específica: fusão¹⁵ de linguagens! Através do circo, procuramos nos expressar juntando tudo aquilo que possa ser visto como arte em cena. Literatura, dança, teatro, música, artes visuais, arquitetura e tudo que nós enquanto integrantes, pudermos agregar ao trabalho.

Tudo começou quando Ronaldo Alves e Ana Sofia Lamas¹⁶ ministraram uma oficina de circo gratuita através de um projeto patrocinado pelo Fundo de Apoio à Cultura – FAC DF, no período de janeiro a junho de 2005, no Ginásio de Ginástica Olímpica do Colégio de Ensino Médio Setor Leste. Na época, este era o único lugar que oferecia aulas de circo com estrutura física adequada para aulas de acrobacias solo e aéreas. A oficina durou 6 meses e resultou na apresentação com aproximadamente 30 alunos chamada: *O Maior Espetáculo da Terra*. Foi tão bom que apesar da oficina ter acabado a vontade de continuar fazendo aquilo ainda estava viva em alguns alunos. Então, Lívia Bennet¹⁷ propôs a ideia de montar um grupo e todos ficaram bem animados.

A maioria dos participantes já se conhecia de outros trabalhos artísticos ou da Universidade de Brasília e muitos deles já possuíam experiência artística em teatro e dança. Foi marcado um encontro no restaurante Zimbrus, local de inúmeras reuniões criativas futuramente. A partir dessa primeira reunião com um núcleo de participantes foi decidido juntar aquelas pessoas que tinham mostrado afinidades, habilidades e interesses comuns. O principal requisito foi agregar as habilidades de teatro, dança, figurino, maquiagem, composição coreográfica, iluminação e cenografia, pensando tudo para um espetáculo de CIRCO! Aí emergia a multiplicidade de habilidades dos integrantes, pois havia expertises dentro do grupo que se somavam, formando um coletivo rico e diverso. Então começaram os convites para agregar outras pessoas. (ADAS e MARTINS, 2016, pg.3)

¹⁵ Segundo dicionário informal, significa “ligamento, junção, união.”

¹⁶ Ana Sofia Lamas foi a primeira professora de tecido acrobático em Brasília. Tem mais de 18 anos de experiência em dar aulas, e hoje tenho prazer de dividir a sala de ensaio e os palcos com ela. É uma das grandes referências que eu tenho em arte-educação circense.

¹⁷ Lívia Bennet é bailarina, atriz, professora, coreógrafa, fotógrafa de Brasília e é uma das fundadoras da Trupe de Argonautas.

A partir daí muita gente passou pela Trupe durante esses anos todos. E ela ganhou uma sede! Pedro Martins¹⁸, um dos criadores do grupo, fundou o Espaço PÉ DiReitO onde ensaiamos e sempre apresentamos. Considero este um dos privilégios mais sensacionais que temos, já que sempre é muito difícil conseguir espaços para ensaio em Brasília. Considerar o nosso lugar de encontro a nossa segunda casa é incrível!

Conheci o circo através de Cyntia, como comecei a contar no *Chapter 2*. Ela estava em cartaz junto a Trupe no espetáculo Paradoxo Zumbi no final de 2016. Fui a primeira vez ao Espaço PÉ DiReitO assistir à peça que me inquietou visualmente falando. *Eram zumbis! Eram zumbis fazendo circo! Eu fiquei encantada com tudo que eles faziam fisicamente. Corri para a Cyntia e disse: eu quero fazer isso!*

Fiz movimento e linguagem 3 no semestre seguinte. O conteúdo da matéria passa por princípios básicos de acrobacia. Me apaixonei pela sensação de conseguir aquilo que eu não sabia ser capaz. *Corri de novo para a Cyntia, e dessa vez com convicção disse: eu quero muito fazer isso!*

Em julho de 2017 me matriculei no Espaço PÉ DiReitO na turma em que Cyntia e Luciano Czar¹⁹ – integrante da Trupe na época – davam aula. Soube então que a turma montaria um espetáculo de final de ano e fiquei bem nervosa. Comentei com Cyntia “*nossa, mas eu não sei fazer nada direito ainda, como eu vou apresentar?!*”, ela me respondeu com uma frase bem marcante para mim: “*Ah, eu tô sem expectativas. Fica tranquila, você faz alguma coisa coletiva. Para fazer um número solo só se você tiver **muito sangue no olho.***” Eu lembrava todos os dias dessa frase durante os treinos. Movimento por movimento, meu primeiro número de circo estava pronto! Era de tecido acrobático, o tema da nossa apresentação foi anos 80 e apresentamos em dezembro de 2017. Claro que eu não podia deixar passar a chance de usar uma das músicas que sempre quis colocar em cena, também fazendo uma leve ironia com a frase de Cyntia: Eye Of The Tiger²⁰ – Survivor. Foi maravilhoso!

¹⁸ Pedro Martins é ator, dançarino, circense, iluminador, produtor, cenógrafo, diretor, operador de som e luz, professor. Pós graduado em Atividades Gímnicas e Circenses pela Uningá, comanda a sede e é fundador da Trupe de Argonautas.

¹⁹ Luciano Czar é formado em Artes Cênicas na Unb, é artista plástico, tatuador, grafiteiro e fundador da Trupe por um fio.

²⁰ Eye Of The Tiger é uma trilha sonora clássica do filme americano Rocky IV, de 1985, dirigido, escrito e atuado por Sylvester Stallone. Aqui deixo um QR code caso você queira escutar a música. O clipe não é oficial, mas tem algumas das clássicas cenas de Rocky. Diga-se de passagem, ao lado de Kill Bill, foi um dos filmes que mais influenciou a minha vida, principalmente durante os treinos.





Figura 3 – Apresentação Love Circus, meu primeiro número de circo. Fotografia: Livia Bennet, 2017

Nesse momento senti pela primeira vez uma das principais motivações para a escrita dessa saga. Eu estava extremamente aflita e um medo tomou conta de mim como nunca havia acontecido antes de entrar em cena. Era mais do que vergonha e ansiedade. Era perigoso! Era alto, técnico, existia certo e errado, existia a possibilidade de queda, de machucar... Não era apenas sentir a cena e deixar acontecer, brincar e aproveitar. Existia um elemento de risco real que eu nunca havia experimentado antes. Foram 4 minutos e 5 segundos que passaram num piscar de olhos. Quando acabou e eu cheguei em casa, senti que poderia fazer qualquer coisa em cena, e por mais perigosa que fosse, me divertir!

Depois dessa apresentação, a minha confiança em cena mudou completamente. Até os ensaios ficaram mais leves. Eu sentia que podia fazer qualquer coisa. Enfrentar o público agora estava bem mais fácil!

Em fevereiro, Cyntia me fez o convite que mudaria a minha vida. Ela perguntou se eu queria entrar para a Trupe de Argonautas. Não pensei duas vezes. Na semana seguinte estava lá, segundas, quartas e sextas, de 9h às 12h treinando com pessoas que são/eram ídolos para mim.

Ser a mais nova do grupo, com menos experiência, me coloca em um lugar onde eu gosto bastante, o de aprender. Claro que ser julgada por ser mais jovem é horrível, mas ao mesmo tempo me considero privilegiada em estar do lado desse grupo que tem uma vida inteira de experiências e histórias para contar. Todos são professores. Todos me inspiraram a acreditar em um tipo de pedagogia diferente, e hoje acredito que tenho um pouquinho de cada um na minha prática diária, tanto como artista quanto como professora. Consegui uma das coisas mais difíceis da vida: juntar tudo que amo, em um trabalho só. Ser atleta, artista e professora ao mesmo tempo fez com que eu me apaixonasse completamente pelo universo circense e respeitasse muito mais todos os artistas do movimento.

Quarta influência direta na minha prática pedagógica: A Trupe de Argonautas! Entrar em um grupo onde todos são ou já foram professores foi de extrema importância neste processo de criar confiança para estar em sala de aula. Em diversos treinos discutíamos educação e ensino da arte teatral e circense, principalmente a junção das duas, o que hoje também é uma das características da minha aula e do meu fazer artístico.

CHAPTER 5. MULHERES FORTES!

*Você era aquela disfarçada de Arleen Plympton.
Mas nasceu como Beatrix Kiddo. E toda manhã,
quando acordar ainda será Beatrix Kiddo.*

(Bill, Kill Bill Vol. 2)

Neste capítulo você verá várias frases fruto de um questionário que realizei com mulheres de diferentes áreas do movimento sobre como elas enfrentam o machismo dentro da sua modalidade. São mulheres que acompanho e admiro pelas redes sociais há um tempo. Muitas nem conheço pessoalmente, outras estabeleci o primeiro contato graças a este questionário. As escolhi pela forma que se dedicam a sua modalidade e pela paixão que demonstram pela mesma. Tem gente de vários lugares do Brasil.

Também realizei um questionário com professores e professoras de circo, com os mesmos critérios. Te convido a dar uma lida nas repostas lá no final deste trabalho, nos anexos. Durante essa saga diálogo com elas e com você ao mesmo tempo com o intuito de mais uma vez dizer que os nossos ideais de gênero precisam mudar.

Uma das cenas mais clássicas de Kill Bill é aquela onde ela está cercada por vários homens (no filme chamados de “o exército dos 88 loucos”), em uma luta no Capítulo 5: *Confronto na casa das folhas azuis*.



Figura 4 – Beatrix Kiddo contra o exército dos 88 loucos. Fotografia: desconhecido.

Para uma mulher, cada objetivo significa uma nova luta. Para conquistarmos alguma coisa, existem mais de “88 loucos” tentando nos parar, nos colocar para baixo e até mesmo – literalmente – nos matar. O Brasil é o 5º país que mais mata mulheres no mundo²¹. A saga de Beatrix seria mais um clichê do cinema se ela fosse um homem. Aqui, vou te contar um pouco sobre como ser mulher influenciou na minha história e de muitas outras mulheres de diversas modalidades de movimento, que lutam todos os dias para vencerem os seus 88 loucos.

Dia, noite, uma bola, um irmão viciado em futebol, asfalto, machucados, meninos e eu tentando provar para eles que apesar de ser uma menina pequena eu poderia ser goleira ou poderia fazer gols, se eu quisesse. Essa história se repetiu durante muitos anos, principalmente quando conheci o mundo do esporte. Eu precisava provar que podia, e que ser pequena e mulher não era sinônimo de fragilidade. Me interessava por todos os jogos que os meninos dominavam. O que me importava mesmo, não era ganhar, e sim, ganhar deles! Com o tempo o **jogo** se tornou

²¹ Fonte <https://www.unifesp.br/edicao-atual-entreteses/item/2589-brasil-e-o-5-pais-que-mais-mata-mulheres>, acesso em 24 de novembro de 2019.

o meu principal objetivo, e eu me tornei minha principal adversária. Anna Luisa Moura, artista circense fala um pouco sobre isso em sua entrevista:

Cara, as principais dificuldades são meio que as mesmas que em todos os outros: identificação e ter que ser 3x melhor do que um homem pra ser reconhecida pelo menos como boazinha. (Anna Luisa Moura, 24 anos)

Gabriela, praticante de parkour, fala como foi começar a trabalhar com essa modalidade que é dominada pelos homens:

O maior desafio pra mim foi, e é, ter que ficar me provando sempre em dobro pra conseguir as coisas. Tanto pra trabalhar com parkour como na vida em geral, por ser mulher, você é menos valorizada e vista como "não tão forte, não tão boa", e tudo o que eu conquisto sempre é visto como "ah mas as pessoas estão fazendo isso só porque você é mulher mesmo", muita gente não enxerga que tudo o que conquistei até hoje é fruto do meu esforço e dedicação. Isso é algo que me atrapalha, porque me frustra, mas tenho que trabalhar minha cabeça pra enxergar que as pessoas às vezes são ruins e querem te deixar pra baixo mesmo, pela sociedade podre que a gente vive. (Gabriela, 24 anos, traceuse²²)

São apenas dois anos de atividades físicas intensas. Eu mudei. Meus objetivos mudaram. Meu corpo mudou. E as pessoas não deixaram isso passar. O meu objetivo principal passou a ser o treino. Nunca gostei de usar roupas apertadas porque sempre tive vergonha do meu corpo ou medo de “estar provocando algum homem”. Mas no circo, a roupa é questão de segurança. Roupas folgadas podem ser bastante incômodas principalmente nos aéreos, pois ela prende, desce para o seu rosto ao virar de cabeça para baixo e deixa de proteger o seu corpo de queimaduras e apertos. Meu guarda roupa passou a ser regatas e leggings. Sandália havaiana sempre, já que as aulas na UnB e os treinos no tatame são feitos de pés descalços. O cabelo gigantesco que antes era sinônimo de beleza agora só atrapalhava. Pés sujos, cabelo sem lavar

²² Praticantes de Parkour são chamados de traceur (masculino) e traceuse (feminino). A palavra é de origem francesa e significa literalmente “traçador”, ou aquele que constrói um caminho a ser tomado, aquele que traça um percurso a ser percorrido. Nesse contexto encontra-se a ideia central do parkour, onde o praticante transforma os obstáculos em desafios a serem conquistados da forma mais orgânica e fluida possível. (fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/traceur.htm>, acesso em 18 de janeiro de 2020).

e embaraçado (porque fica melhor para prender), corpo suado, unhas bem cortadas (se não machuca e incomoda). Isso sou eu nesses últimos semestres, tentando conseguir respeito independente das minhas escolhas estéticas, idade ou identidade de gênero.

Quais as principais dificuldades que você encontra sendo mulher nesse tipo de atividade física? Respeito. (Lu Adjuto, 26 anos, circense)

Junto com o meu ideal de gênero, o meu ideal de beleza também mudou. Coincidência? Não! Consequência. Passei a respeitar mais as singularidades de quem se sente mulher. Ouvi frequentemente frases como:

“eita, que braço de homem”

“nossa, você é mais forte que eu – disse o garoto sedentário.”

“até ela consegue”

“desse tamanho tá bom, passando disso fica feio porque aí fica masculino”

“uma mulher fazendo movimentos de força, nossa”

Mulheres escutam frases assim quase todos os dias. Assim como eu, Gabriela tem muitas lembranças desses momentos:

Já ouvi que eu nunca seria tão forte como um homem, que as mulheres nunca seriam boas no parkour como os homens são, que eu só tinha prestígio por ser mulher e não porque eu treinava. Um super recente, e horrível, foi um cara que parabenizou dois amigos meus por um vídeo que eu postei no Youtube. O cara parabenizou dois homens pela minha movimentação - e pasmem, não falou nada pra mim, nem um "gostei do seu vídeo". No começo do ano fiz uma sessão de perguntas e respostas no instagram perguntando pra galera sobre a relação do parkour e machismo, e muita gente ficou até brava comigo, dizendo que no Parkour isso era inexistente, que a comunidade era maravilhosa. Então eu fui pegando algumas meninas que respondiam de forma mais tímida, comecei a conversar com elas e vi diversos relatos de situações super desagradáveis, que eram inviabilizadas porque a comunidade quer que o Parkour seja valorizado e às vezes vinda os olhos pra algumas coisas. Sem contar as oportunidades, já que o parkour é algo não tão grande ainda, e quando você quer trabalhar com isso

tem que esperar acabarem os homens da fila pra alguém te chamar. (Gabriela, 24 anos, traceuse)

Aposto que independente do seu gênero, da sua sexualidade, da sua profissão ou da sua história, você já escutou frases como essas relacionadas às mulheres, e durante este capítulo outras várias frases ainda virão a sua cabeça como: “você sairá com essa roupa?”

Vivi diversas situações onde eu me sentia novamente no ensino fundamental onde os meninos sempre eram melhores que as meninas nos esportes.

Mas, existia uma garota que eu sempre admirei. Sthefany Paiva²³ era uma das melhores atletas da escola em TODOS os esportes. A garota jogava vôlei, futsal, handebol e ainda lutava kung fu. Lembro de como ela tinha um visual mais “largado” e despojado que se aproximava a vestimenta dos meninos – que quase sempre são mais confortáveis que as das meninas. Lembro dos comentários maldosos. Lembro de quando ela entrou no ensino médio e começou a “cuidar” mais da aparência, como diziam. Pintou o cabelo que sempre vivia escovado, começou a usar roupas consideradas mais femininas (leia-se justas ao corpo) e começou a conquistar mais olhares. Os comentários agora era sobre como ela era linda e muito boa nos esportes. Não entendia esse processo até escrever esse parágrafo. Eu nunca liguei para a aparência de Sthefany. Eu queria a força, a garra e o respeito que ela havia conquistado.

Iniciei minhas atividades em casa com o meu pai me ensinando karatê básico, depois fui me desenvolver na época da escola praticando Kung fu, uma arte marcial chinesa.. Consegui me graduar até a faixa preta, com muito empenho e quebra de paradigmas. Logo após fui jogando todas as modalidades de educação física, futebol, handebol e voleibol, ganhando campeonatos estaduais e municipais. Não foi tão fácil assim adquirir tudo isso, na maioria das vezes fui taxada como homossexual, devido às minhas práticas esportivas e desenvolvimento corporal que era extremamente visível. Eu nunca fui atacada verbalmente de cara pelas minhas escolhas, até porque mulheres fortes e de peito acabam trazendo medo para o ambiente que convivem. Na minha frente todos me respeitavam, mas nas costas sabia do preconceito existente. (Sthefany Paiva, 25 anos, atleta e árbitra)

²³ Você pode dar uma olhada na entrevista dela nos anexos deste trabalho!

Entrei no circo, me dedique especialmente aos aéreos e percebi um padrão: mulheres fazem movimentos de alongamento, homens de força e explosão. Não. Eu queria as quedas. Eu queria me jogar, e queria arriscar. Os garotos sempre subiam no pé de árvore que era perigoso demais para mim, dessa vez eu queria mais do que apenas subir. Isso me rendeu uma grande força psicológica. Dizia para mim mesma: eu quero e eu vou tentar!

Treinar muito para ouvir coisas como: “isso é sexy, né?” ou “isso é legal, mas você sabe fazer abertura completa?”, no sentido sexual da coisa, não é nada agradável. Já me deparei várias e várias vezes com estes comentários, e pelas entrevistas, não estou sozinha.

Principalmente com o pole dance. As pessoas (não só homens!) já te imaginam fazendo strip tease na boate, como se todo o seu suor para treinar técnicas, força, flexibilidade, etc, fosse para agradar alguém, fosse para sensualizar. E não é – Mas e se tivesse, qual era o problema? As pessoas não levam a sério o que você faz pela arte porque vivemos em uma sociedade aonde não aprendemos a valorizar a arte. Foram muitas situações aonde eu realmente não dei importância, mas quando participei de programas de tv com o tema de “show de talentos”, aonde os apresentadores que deveriam estimular a arte simplesmente fizeram as mesmas piadas dos homens machistas eu me incomodei bastante.

Parece tão inocente, parece quase um elogio, mas não é.

No mundo do circo/pole, acredito que ser uma praticante mulher tem até menos desafios e preconceitos do que ser um praticante homem. Mas como mulher sempre temos que nos desdobrar para não se deixar abalar por diversos tipos de assédio. (Tallyta Torres, 29 anos, circense)

Sempre ouvi coisas que me fizeram desistir de tentar. Sempre ouvi que eu era pequena demais para alcançar o Sucrilhos na última prateleira do mercado. Na escola as meninas deveriam segurar 10 segundos na barra enquanto os meninos tinham que puxar 10 barras. Os números para as meninas sempre eram menores. O professor de circo que às vezes passava um movimento e dizia “quem quiser tentar esse aqui que é mais difícil, tipo o Daniel, o Gabriel, fica à vontade”. As meninas também não podiam andar sujas, e elas usam saias, não podiam ficar correndo por aí. São diversos os estímulos sociais para deixar claro que não somos fortes fisicamente – e não precisamos ser, pois força é sinônimo de independência. Para nós mulheres,

tentar apesar da vergonha da falha já é um passo muito grande. Inclusive, essa força faz toda a diferença na hora de passar segurança aos alunos e alunas. Como monitora, já passei por diversas situações em que o aluno ou a aluna só confiou no professor, quando não precisava.

Sim, quando dou aulas para adultos percebo que meu biotipo ajuda na segurança de certos movimentos e o fato de ser homem acho que passa uma confiança para os alunos de que vou dar conta de segurar e apoiar sem deixar eles caírem. Por outro lado, percebi que a maioria dos aerialistas teve como mestres professoras mulheres, então faltavam técnicas específicas de truques normalmente realizados por homens. (Pedro Martins, 39 anos, circense)

Por vezes, o professor de circo passava um movimento mais difícil para os meninos e eu era a primeira a tentar. Fui para a capoeira e percebi que lá também existiam movimentos que as mulheres não tentavam. Todos ficaram chocados ao me ver entrar na roda na minha primeira vez, e algumas mulheres ficaram chocadas porque eu fazia movimentos que elas não faziam em anos de capoeira. Os homens sempre tentavam, enquanto as mulheres tinham certeza que não conseguiam. Comecei a achar isso bem estranho

Acredito que muitas vezes a mulher parece ter desvantagem em algumas práticas físicas, mas que na realidade essa diferença só existe porque o homem começou a prática gerações antes... E, lindamente, essa diferença tem diminuído cada dia mais! (Agnes Rumi, 26 anos, traceuse)

No início deste ano conheci o parkour²⁴. Me apaixonei de novo! O cenário é simples: a cidade. Os lugares onde têm muretas, paredes, barras e qualquer coisa que possa servir de obstáculo, nós chamamos de pico. É fácil acessar. A cada nova experimentação de modalidades a minha visão sobre o mundo mudava um pouco, mas o parkour mudou o meu olhar como nenhuma modalidade fez. Os meios fios ganharam importância. Apesar de ter vergonha de saltar porque nunca fiz isso muito bem-quer dizer, me disseram isso – eu saltei. E descobri que

²⁴ Parkour (conhecido antigamente como "le parkour" - abreviação PK) é uma disciplina física de origem Francesa em que os participantes chamados de traceur no masculino e traceuse no feminino sobrepõe obstáculos de modo mais rápido e direto possível utilizando-se de diversas técnicas como saltos e rolamentos escalados. (site: parkourbrazil.com)

eu consigo ir bem mais longe do que me diziam. O risco é geralmente maior que no circo, já que o cenário comum fora das academias é o asfalto, a calçada, o cimento e as condições imprevisíveis do tempo e do estado material dos objetos. Tropeçar pode te render machucados absurdos. O simples ato de não limpar a sola do tênis antes de realizar um movimento, pode acabar em uma queda dolorosa. O menor ralado é extremamente incômodo. É preciso ser preciso em tudo, precisamente nas precisões²⁵. É uma trava língua que reflete bem o drama dos treinos. Por isso, os treinos não são apenas técnicos ou de condicionamento. A psicológica influência em cada passo, do início ao fim, e por isso, ele também tem que ser treinado.

Conto nos dedos das mãos as mulheres que treinam parkour aqui em Brasília. E mais uma vez, quando tive a oportunidade de treinar com mais de uma, o padrão se repetiu. Ao tentar aprender um movimento elas sempre diziam:

“não consigo,
tô com medo,
não vai dar,
não tenho força”

Eu falei: tenta!! Fiquei feliz por esse dia. Eu tentava até conseguir para depois entender como melhor ensinar, afinal de contas, é bem difícil aprender com homens no parkour. Existem poucas pessoas que estão pensando o PK²⁶ pedagogicamente e em geral predomina o famoso “é só puxar”, “é só pular”, “é só rolar”. A história das mulheres é bem diferente no quesito corpo. Os homens quando crianças têm a pressão de conseguir e tentar porque “são mais fortes” enquanto somos colocadas na cadeira de pernas fechadas. Para nós, não é “só” fazer. Antes de tudo é preciso ter coragem, às vezes lidar com o fracasso e não desistir. Segundo a antropóloga Professora Doutora Miriam Pillar Grossi, a própria ciência é hierárquica na tentativa de ser neutra, colocando em evidência o lugar do homem nessa relação.

Como a Antropologia Feminista tem mostrado, essa explicação da ordem natural não passa de uma formulação ideológica que serve para justificar os comportamentos sociais de homens e mulheres em determinada sociedade. No caso das sociedades ocidentais, a biologia é uma explicação de grande peso ideológico, pois aprendemos que ela é uma ciência e que, portanto, tem valor de verdade. Jane Flax, uma das teóricas feministas pós-modernas, ensina que a ciência surge no Ocidente com o Iluminismo. A ciência, tal como a conhecemos, parece dar explicações "neutras" e "objetivas" para as relações sociais. No entanto, a ciência que aprendemos desde a escola reflete os valores construídos no Ocidente desde o final da Idade Média, os quais refletem apenas uma parte do social: a dos homens, brancos e heterossexuais. Sempre aprendemos que Homem com H maiúsculo se refere à humanidade como um

²⁵ Precisão é um movimento do parkour que consiste em saltar de um lugar até outro chegando de forma precisa, sem cair ou dar mais um passo, “cravando” bem firme os pés no chão.

²⁶ Sigla informal que usarei de vez em quando durante o texto para me referir ao Parkour.

todo, incluindo nela homens e mulheres. Mas o que os estudos de gênero têm mostrado é que, em geral, a ciência está falando apenas de uma parte desta humanidade, vista sob o ângulo masculino, e que não foi por acaso que, durante alguns séculos, havia poucas cientistas mulheres. (GROSSI, pg. 4)

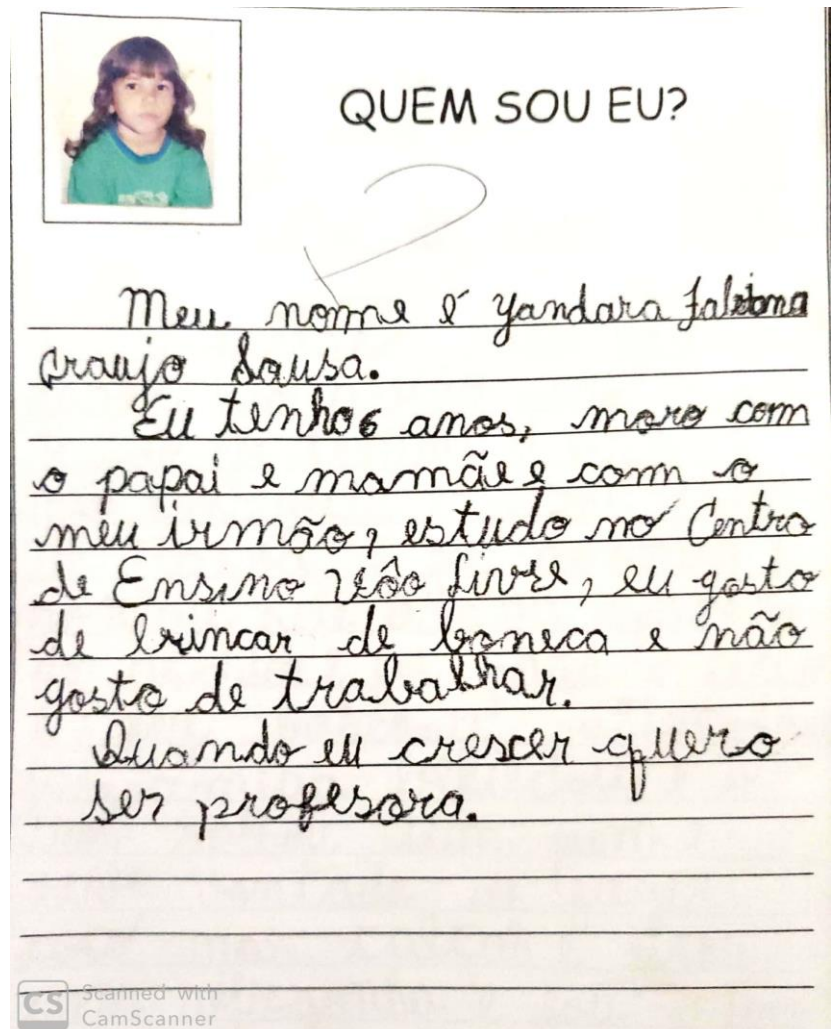
Quinta influência direta na minha prática pedagógica: Ser mulher é um dos principais fatores que compõem a minha história e a minha prática pedagógica. Em trabalhos de acrobacia em dupla, eu tinha que emagrecer. Ao tentar aprender mastro chinês, pedi ajuda do professor e ele chamou os meninos, para ensinar suas figuras avançadas, onde me excluíram completamente. E assim, o universo artístico desconstruído mais uma vez me surpreendeu de forma negativa. Eu só consegui entender esse processo porque hoje sou professora de muitas garotas – em breve vou te contar mais sobre isso. É nítida a diferença de atitude das meninas e dos meninos. Em geral, eu preciso incentivar, dar força e coragem para que elas tentem a primeira vez. Em geral, eu preciso pedir calma aos meninos, já que eles não me escutam e sempre acham que sabem fazer tudo que estou tentando ensinar. Não é muito diferente nos meus treinos, tanto no circo como no parkour.

Aqui, termina o primeiro volume. Seguiremos para o segundo, e deixo um registro emocionante que encontrei lá em casa faz pouco tempo. Na página seguinte você vai encontrar fotos de um caderno que foi feito na minha formatura do pré-escolar, quando eu tinha 6 anos. O tema era circo, e eu já queria ser “profesora”.



Figura 5 – Capa do caderno de redações da turma de Formandos da Educação Infantil de 2004. Colégio Vão Livre

Figura 6 – Apresentação para o caderno de redação dos Formandos da Educação Infantil de 2004. Colégio Vão Livre.



VOLUME 2: PROFESSORA!

No volume 2 do filme, na segunda parte dessa busca por vingança, A Noiva vai continuar sua procura por Bill, atacando os últimos dois sobreviventes do grupo: Budd (Michael Madsen) e Elle Driver (Daryl Hannah). O confronto com seu antigo mestre, e mandante da sua morte, vai revelar novas surpresas para a assassina²⁷.

Nessa segunda parte, vou te contar a história do meu eu professora, que é/está sendo um dos fatores mais importantes durante a minha caminhada em busca do que seria o “meu Bill”.

CHAPTER 6. MONITORIA

No início do curso eu pensava: “*Como vou dar aula? Eu não sei nada!*”, ficava bastante insegura quando pensava na sala de aula. Ao chegar no terceiro semestre decidi ser monitora. Um tempo depois, me tornei monitora da matéria Movimento e Linguagem 1, no Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília.

No semestre seguinte entrei na monitoria de Movimento e Linguagem 3, onde continuo até hoje, no oitavo semestre. Me dei conta, de que, pela primeira vez até ali, vi uma mulher sendo monitora da “matéria das acrobacias”, como chamavam Movimento 3. Percebi o quanto era importante para as garotas uma referência corporal feminina, e não masculina, como eu tive por exemplo. Várias delas conversavam comigo, pediam ajuda, conselhos e eu contava como também tinha começado ali, me sentindo fraca e incapaz. Era uma das melhores partes: dar força àquelas que nunca pensaram em tentar. Mas até chegar aqui, foi um longo processo.

Mas nem sempre foi tranquilo dar algum exercício ou propor alguma aula para a turma como monitora. A primeira vez que precisei conduzir uma aula de Movimento e Linguagem 1, fiquei extremamente nervosa. Peguei o caderno, planejei a aula, não sabia o que esperar, mas estava ansiosa para este momento. Foi a primeira vez que de fato a turma trabalhou em equipe durante os exercícios, e senti que todos ficaram bem mais à vontade do que de costume. Senti que se entregaram a todas as propostas sem julgamentos. No final das contas, a turma adorou, foi lindo e bem emocionante. Sai de lá com a sensação de que eu era sim capaz de ensinar como sempre sonhei, e que acabava de começar uma outra etapa da minha vida.

A professora da matéria percebia o quanto eu estava evoluindo e me encontrando cada vez mais no circo, e por isso, às vezes durante sua aula, ela pedia para que eu ensinasse parada

²⁷ Sinopse do site <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-53879/> (acesso em 17 de novembro de 2019)

de mão, cambalhotas etc. Esse espaço, de poder estar à frente da turma nem que fosse por alguns instantes, dividindo este lugar, me ajudou a ter confiança na minha prática enquanto futura professora.

Enquanto isso, também me tornei monitora de uma das turmas de circo do Espaço PÉ DiReitO, do professor Thiago Enoque da Trupe de Argonautas. Eram raras as vezes, mas ele deixava a turma comigo quando não podia dar aula. Com os feedbacks dos alunos sempre muito positivos fui entendendo aos poucos este lugar de ser professora e de aceitar essa grande responsabilidade. Fui gostando. Fui querendo mais. Um tempo depois Enoque me indicou para ser professora da turma de circo infantil do Espaço Criativo *Fashionteen*²⁸. Senti medo. Nunca tinha dado aula para crianças na vida. Mas sabia que iria me esforçar independente do desafio. Aceitei. Fui aos poucos vencendo o medo de ter nas mãos o ensino de crianças que mais tarde serão o nosso futuro. Senti que posso fazer a diferença através disso e este se tornou o meu principal objetivo.

Sexta influência direta na minha prática pedagógica: A monitoria! Foi essencial para que eu pudesse amadurecer vários pontos de vista sobre a sala de aula, e só foi possível porque as professoras que acompanhei contribuíram para tal. É um lugar de observação, porém com mais atividade e participação. Então não é ficar invisível, e sim contribuir com outros pontos de vistas e estar em contato direto com os alunos e alunas, experimentando formas de ensino.

Cada vez mais entendo quando meus professores diziam, com orgulho, sobre ter experiência. Quando batiam no peito para dizer quanto tempo tinham dentro de sala de aula. É necessário garra para lidar com as diversas funções de um professor dentro e fora desse espaço de troca, assim como Beatrix teve para levantar-se da maca do hospital e ir atrás de vingança.

No *Capítulo 6: O Massacre em Two Pines*, “A noiva” está feliz por estar começando uma nova vida, colocando a sua filha longe de todo perigo da sua antiga rotina, ensaiando para o casamento que lhe daria uma vida tranquila. Porém, o seu ex grupo de assassinos, aqueles que um dia foram seus parceiros, chegam para exterminá-la. Ela é pega de surpresa por algo que nunca imaginou acontecer e nunca achou ser possível, assim como em sala de aula somos surpreendidos por diversas situações que parecem massacrantes diante do nosso poder de intervenção. Ensaiei muito bem a minha aula, mas não fui capaz de imaginar um terço dos problemas reais que tive/tenho que lidar. Nós educadores, lidamos com um massacre por

²⁸ Te conto melhor sobre a escola no Chapter 8!

semana pelo menos. Mas temos que nos levantar depois do coma, e ir atrás daquilo que causou o problema para resolver, sem deixar que o medo nos impeça de conseguir.

CHAPTER 7. O VÍCIO DE VENCER MEDOS E ULTRAPASSAR LIMITES

*Ninguém vai bater mais forte do que a vida.
Mas não importa o quão forte você bate, mas sim
o quanto aguenta apanhar e continuar lutando. O
quanto pode suportar e seguir em frente. É assim
que se vence.*

(Rocky Balboa)

Decidir. Escolher. Optar. Preferir. Com certeza faz toda a diferença quando estamos decididos e certos daquilo que queremos. Antes de começar a dar uma aula de acrobacias para quem ainda não teve contato com este universo, pergunto e peço uma resposta clara sobre a vontade e a certeza dos alunos para estar ali, naquele dia, naquele momento. E eu sempre digo logo em seguida: “Respeitem seus limites. Não pulem etapas. Sintam o que melhor encaixa no corpo de vocês”. Deixo bem claro que é cada um que vai escolher o exercício que vai fazer, afinal de contas, cada um estará em um lugar diferente em relação ao conforto com o corpo. No circo, trabalhamos sempre com o risco²⁹, que anda sempre de mãos dadas com o medo. E para que eles dois se tornem nossos companheiros, precisamos de força de vontade para tentar sempre mais uma vez – é apenas isso que diferencia quem consegue fazer ou não um movimento. Falar é bem fácil. Entender esse processo e não se frustrar consigo mesmo é bem difícil. É importante entender que faz parte do caminho tentar e não conseguir, e que a sua atitude diante de cada obstáculo é determinante para o seu sucesso, assim como Anne Bogart diz logo no início de seu artigo: “A atitude de uma pessoa frente a qualquer tarefa é determinante para que haja bons resultados.” (2009, p.30)

Tive duas grandes influências quando criança: Son Goku³⁰ e Rocky Balboa.³¹ Os dois são extremamente persistentes em relação aos seus objetivos. Goku, desde criança, sonha em

²⁹ Neste caso, me refiro tanto ao risco físico quanto ao risco pessoal, aquele que só você delimita. Pode ser físico, emocional, psicológico, do mais simples ao mais complexo, por exemplo: todo artista precisa se expor diante do público, e isso já é um grande risco.

³⁰ Personagem principal do anime/mangá *Dragon Ball* criado por Akira Toriyama em 1984.

³¹ Personagem principal do filme “Rocky, um lutador” de 1976, e dos próximos 5 filmes da franquia.

ser o homem mais forte do universo. Para ele, tudo é uma questão de treino ou de correr atrás com bastante dedicação, e tudo isso com uma alegria que me inspirava cada vez mais. O Rocky apesar de diferente, é bem semelhante. Ele sempre quis lutar boxe e apesar das dificuldades, o fazia mesmo que por pouco dinheiro/reconhecimento. Até que alguém o subestimou. Alguém o chamou para lutar com o campeão do mundo esperando que ele perdesse. E perdeu. Após 15 rounds batendo e apanhando, de igual para igual. A vitória do campeão Apollo Creed³² não parecia valer nada diante do feito de Rocky.

O mundo gira em torno da persistência. Você pode até ser muito bom, mas em algum momento vai esbarrar no erro. Se você não tenta mais uma vez, nunca vai conseguir atingir o seu objetivo. Precisei fazer um capítulo sobre esse assunto porque este é um dos fatores em que mais trabalho dentro de sala de aula, nos treinos e na vida. Há pouco tempo comecei a fazer aulas de ginástica acrobática. Nós temos um treinador, e não um professor. É péssimo porque diante do treino suas questões pessoais não importam, e você tem que aprender a lidar com o seu medo sozinho – quer dizer, não tem tempo, ele diz “vai” e a gente já precisa estar voltando. No começo, deu um arrepio na espinha de medo e nervosismo. O aquecimento era mortal para frente e um dos primeiros exercícios que fizemos consistia em: ser jogada para o alto, dar um mortal para frente e aterrissar com a maior plenitude possível. Óbvio que a parte da plenitude demorou bastante para sair. Eu e o meu parceiro estávamos morrendo de medo. Mas fizemos. Saiu! No primeiro dia. Todos os outros dias foram assim. Várias acrobacias que eu achava não conseguir, ele disse “faz” e eu, com muito medo fiz, e consegui. Às vezes o nosso corpo está pronto para realizar tal movimento, mas a gente não sabe, o medo esconde. Precisamos de um empurrãozinho. Os treinos se tornaram psicológicos também, não que já não fossem, mas agora era um dos nossos objetivos, onde a cada movimento eu e meu parceiro descobríamos formas de lidar com os nossos medos.

Acho que o maior desafio é sempre a autocobrança e as barreiras mentais e psicológicas que passamos todos os dias. (Agnes Rumi, 26 anos, traceuse)

O que Bogart relaciona aos atores, eu relaciono para todos nós: “Paradoxalmente, são as restrições, a precisão e a exatidão que permitem a possibilidade de liberdade. A forma se torna um recipiente no qual o ator encontra variações infinitas e liberdade interpretativa.”

³² Uma curiosidade: meu gato se chama Apollo Creed!

(2009,p.32). É necessário entender os seus objetivos para vencer aquele medo³³, pois só assim você irá conseguir construir a disciplina e os limites necessários para compreender o seu foco diante dessa situação. O medo no qual falo aqui é extremamente pessoal a nada generalizado. Este medo, literalmente, pode ser de algum movimento, por exemplo, uma cambalhota, mas também pode ser sobre outras coisas, outras sensações. Fique à vontade para trazer para si este capítulo levando em consideração o seu próprio medo e o medo de fazer movimentos específicos.

Durante a saga de Beatrix, ela não demonstra medo. Quer dizer, parece não demonstrar. Como atleta, sei que em diversos momentos ela sentiu. Mas também por ser atleta e artista, consigo perceber quando o desespero começa a aparecer, e quando ela respira e vai à luta – literalmente. No *Capítulo 7: O Solitário Túmulo de Paula Schultz*, Beatrix é enterrada viva por um de seus ex parceiros, Bud. Dentro do caixão ela chora, e entra em desespero. Respira, observa o caixão, e começa a achar esperanças. No próximo capítulo ela vai lembrar de seu treinamento com o mestre Pai Mei, e de uma técnica que vai salvar a sua vida. Assim nos comportamos quando precisamos realizar movimentos que nos causam medo. Desesperamos, respiramos, lembramos da técnica que estudamos/praticamos e aplicamos com mais confiança para seguir em frente. Nem sempre este processo será tão fácil de entender, pois além de necessitar experiência em treinos, um bom mestre faz toda a diferença para ensiná-lo a encontrar este caminho mais rápido.

Como professora, eu prefiro trabalhar e construir juntos a confiança para seguir até o próximo passo. A maioria das minhas alunas chegaram até mim com medo de fazer qualquer coisa e reclamando de tudo. Cair sempre era um problema muito grande. Choravam, achavam que iam se machucar, e até “morrer”, desesperavam o tempo inteiro. Quando falhavam, elas desistiam. Aos poucos fui rindo das quedas, brincando, deixando claro que cair faz parte, mas sempre chamando atenção quando caíam de qualquer jeito. Fui dando opções de níveis para realizar os exercícios da forma mais confortável, e fomos construindo uma coragem em grupo que hoje tenho muito orgulho, já que elas contaminam as outras, principalmente as novas alunas.

³³ Segundo o dicionário online de português medo é: Estado emocional provocado pela consciência que se tem diante do perigo; aquilo que provoca essa consciência. Sentimento de ansiedade sem razão fundamentada; receio. Grande inquietação em relação a alguma desagradável, a possibilidade de um insucesso etc.; temor. (disponível em <https://www.dicio.com.br/medo/>, acesso em 17 de novembro de 2019).

Sétima influência direta na minha prática pedagógica: O medo! Uma das minhas principais missões enquanto arte-educadora é achar caminhos, buscar soluções e propor problemas. O que passei com várias modalidades até aqui, tanto no parkour, como na capoeira, como na ginástica, eu não quero reproduzir. Quero passar pelo menos um pouco da experiência que adquiri para nunca deixar outra pessoa se sentir sozinha nessa busca de conhecimento, principalmente envolvendo grandes riscos. Encontrei no medo um dos principais motivos para ensinar circo. Ver a confiança ir se tornando cada vez maior dentro das pessoas (alunos e parceiros) não tem explicação.

Os dois personagens que citei ali em cima, me ensinaram que o seu adversário não precisa ser seu inimigo e que é possível crescer junto com o diferente para evoluir cada vez mais. Sim, parece frase comercial de filme né?! E é mesmo! Apesar de ser clichê, me ajudou a respeitar quem está do outro lado e me fez entender que tenho muito a aprender com todo mundo, independente de quem seja, até mesmo com um dos meus principais adversários: o medo.

Porém, os dois personagens são homens. E as mulheres em suas histórias tem pouca visibilidade. Durante muito tempo isso me incomodou bastante, até encontrar Beatrix Kiddo, a minha primeira referência feminina do cinema.

CHAPTER 8. A SALA DE AULA

"Se minhas respostas assustam você então pare de fazer perguntas assustadoras."

(Jules Winnfield, Pulp Fiction: Tempos de Violência)

Durante a matéria de Estágio Supervisionado em Artes Cênicas 1, com a professora Ângela Café³⁴, – que tem como principal objetivo a observação de 45 horas aula – estive em contato com algumas turmas de Ensino Médio numa escola pública do plano. Confesso que foi umas das experiências mais enriquecedoras durante esse período de formação na universidade. Pude observar comportamentos, traçar estratégias, refletir sobre escolhas da professora e aos poucos me preparar melhor para fazer as minhas próprias.

³⁴ Ângela Barcellos Café é formada em Educação Física, tem doutorado em Arte, é contadora de histórias, defende com afinco o espaço do lúdico em sala de aula e pensa educação com muito respeito e acolhimento.

Logo depois comecei a trabalhar como professora de teatro e circo numa escola diferente de tudo que já conhecia. A escola de contraturno criativa *Fashionteen* é particular, fica localizada na 411 sul e atende crianças de 5 a 14 anos, de 14h às 20h de segunda a sexta e de 9h às 12h sábado de manhã. Tem modalidades como costura, oficinas criativas, teatro, dança, desenho e circo. Além de ser um modelo completamente novo de ensino, o formato pedagógico da escola foi um dos maiores desafios de adaptação para mim.

As crianças montam a sua própria grade horária, a maioria são meninas e as turmas de teatro e circo são de idades mistas, ou seja, a idade varia entre 5 e 14 anos. No início, eu fiquei bem nervosa com todas essas novidades, pois além disso tudo, eu nunca havia dado aula para crianças na vida! Mas não desisti. Encarei todos esses desafios de forma muito segura de que iria fazer um bom trabalho.

Em Estágio 1, a professora Ângela nos alertou sobre uma problemática da qual nunca esqueci: a solidão de um professor de artes. O nosso conteúdo é diferente de todas as outras matérias, com isso, o nosso pensamento, a nossa visão, as nossas problemáticas e as nossas opiniões também! Portanto é difícil encontrar alguém para dividir isso tudo quando estamos trabalhando numa escola. Hoje percebo essa realidade, e ainda fico mais aflita de pensar que estou numa escola criativa, imagina numa escola regular?! Durante a matéria vi o quanto era importante debater e falar sobre os nossos problemas em sala de aula.

Assim que cheguei me deparei com o primeiro desafio: as turmas de idades mistas. A princípio comecei achando impossível dar aula assim, pedindo para separar as turmas etc. Óbvio que a coordenação não me ouviu e disse algo que se resume em “você pode adaptar a sua aula”. Aos poucos fui compreendendo que eu não precisava adaptar a minha aula, e muito menos separar as crianças, eu apenas precisava ensinar! Independentemente da idade, cada um compreende de forma individual cada explicação. Pensando nisso, decidi não mais julgá-las por idade, como em todas as escolas. Decidi que na minha aula não é a idade que vai dizer o que elas são capazes de aprender ou não. A partir daí tudo ficou mais tranquilo, e qualquer possível adversidade ficou mais fácil de resolver. Assim como aprendi no circo, comecei a trabalhar com progressões, sempre mostrando o mais simples e suas evoluções, assim cada aluna sempre trabalha com os seus limites e suas possibilidades. Já é uma metodologia comum para o ensino de movimentos mais complexos, porém, a grande dificuldade do professor ou da professora em relação às progressões é enxergá-las. Às vezes temos as progressões 1,2,3 e 4, mas o aluno ou a aluna precisam de uma que esteja entre o 1 e o 2. Se o professor ou a professora não souber

como “decupar” um movimento, ver pequenas possibilidades e diferentes caminhos de aprendizado, a metodologia não funciona por não cumprir o seu objetivo principal: tornar possível e acessível o entendimento de movimentos de grande complexidade (complexidade esta definida pelo próprio estudante). **Oitava influência direta na minha prática pedagógica:**
As progressões!

Comecei a perceber então como o circo e o ensino de movimento em geral pode ser um espaço de troca afetiva onde a alteridade e o altruísmo encontram espaço de desenvolvimento natural. A matéria é muito objetiva: aprender movimentos. As diferenças de idade acabam colorindo a turma. Algumas alunas mais velhas se sentem motivadas a melhorar porque veem as menores sempre tentando; às vezes as menores pedem ajuda para as maiores; às vezes elas trocam informações entre si que eu mesma não conseguiria fornecer. Ou seja, no fim das contas, acredito ser positiva a mistura de idades diferentes na mesma turma.

Alguns dos quesitos que avaliei no meu primeiro semestre dando aula, foram exatamente estes: alteridade, resiliência e altruísmo. Alteridade no sentido de reconhecer a existência do outro e se colocar no lugar dele. Resiliência em relação a adaptação em situações adversas e resolução de problemas. Altruísmo para ajudar com ações voluntárias as outras pessoas, sem esperar nada em troca. Não avaliei porque era o meu objetivo desenvolver isso com elas em sala de aula, mas sim, porque percebi o quanto elas desenvolveram esses aspectos formativos ao longo do curso, através dos exercícios, das dificuldades de umas que eram facilidade de outras portanto uma cooperava com o processo da outra, e pelas formas diferentes de aulas que eu proponho durante as aulas, exercitando a saída da zona de conforto do dia-a-dia.

Envolver isso no processo de avaliação é uma forma de deixar claro que o circo e teatro são matérias essenciais para o desenvolvimento social da pessoa. O adulto responsável começa a entender que a matéria é importante dentro e fora de sala de aula, inclusive porque em geral são pais que tem uma ótima condição financeira e disponibilizam tudo que puderem para o filho, porém algumas vezes acabam exagerando e esquecendo de impor limites claros a essa criança.

Outro grande desafio foi o formato das turmas. Cada dia eu tenho uma turma diferente que nunca é igual de uma semana para outra onde sempre tem alunas novas entrando e fazendo aulas experimentais. É complicado trabalhar o mesmo conteúdo com todo mundo. Mas, cada vez mais sinto que o meu trabalho é encontrar soluções, e neste caso, não é diferente.

Vejo nas minhas alunas várias chances de melhorar o universo. Vejo em suas energias a vontade de conhecer e aprender cada vez mais. Vejo a aceitação do outro se tornar um processo mais tranquilo, mais fluído. Tenho esperança de que estas coisas tão importantes não sejam deixadas de lado, mais tarde, pela pressão do vestibular ou pelas obrigações da faculdade. Espero que um dia elas detenham a garra, a determinação e a força de vontade, física e psicológica de Beatrix. Sei que tudo influencia um pouco nesse processo, mas tudo bem, tudo faz parte de uma grande experiência. Como Jorge Bondía Larrosa ³⁵ diz:

Poderíamos dizer, portanto, que a experiência é um movimento de ida e volta. Um movimento de ida porque a experiência supõe um movimento de exteriorização, de saída de mim mesmo, de saída para fora, um movimento que vai ao encontro com isso que passa, ao encontro do acontecimento. E um movimento de volta porque a experiência supõe que o acontecimento afeta a mim, que produz efeitos em mim, no que eu sou, no que eu penso, no que eu sinto, no que eu sei, no que eu quero etc. (2009, pg. 6)

Considerando este conceito de experiência, sinto que cada aula me transforma um pouco enquanto professora. Sinto que cada discussão, cada dificuldade, cada sorriso, serão contribuições para uma maturidade profissional que só a prática vai me trazer.

Mas além das problemáticas, existe aquilo que nos alimenta enquanto educadores, aquilo que faz tudo valer a pena, aquilo que só encontramos nessa troca em sala de aula. Vou te contar um pouco mais sobre as minhas alunas que chamarei por apelidos comuns para não as identificar. Juju, 9 anos, seria uma criança comum se o senso de alteridade não fosse maior do que o de 90% das pessoas que eu conheço. Juju faz questão de me ajudar e ajudar as colegas. Chega na aula, me ajuda a montar os tatames que quase sempre monto sozinha; às vezes dá uma olhadinha na chamada para conferir se o nome de todo mundo está lá; sempre que alguém tem dificuldade em algum movimento, tenta explicar de várias formas divertidas até a colega se sentir mais à vontade para fazer; pergunta se pode ajudar as colegas na execução dos exercícios; e assim Juju me mostra que é possível pensar no outro e demonstrar isso através de simples ações.

Em uma aula, Lu estava com muito medo de fazer uma estrelinha. Juju disse umas das frases que mais me emocionaram nesse tempo dando aula para crianças. Ela disse: “Lu, coragem é o primeiro passo!”. Meu coração quase parou! Virou lema da aula. Lu sempre repete isso quando sente medo de fazer um novo movimento. Juju me mostra que ainda podemos acreditar nas relações, que ainda podemos encontrar doçura em meio a tanto egoísmo. Assim

³⁵ Jorge Bondía Larrosa é professor de Filosofia da Educação na Universidade de Barcelona. Licenciado em Pedagogia e em Filosofia, doutor em Pedagogia.

como Tatá, 9 anos, que em atividades em grupo sempre lidera, se preocupando e cuidando de todos, “não faz desse jeito senão você pode machucar!”, enquanto ensina o grupo a fazer o tal movimento.

Sem dúvidas cresço cada dia mais, principalmente no âmbito pessoal, enquanto ser humano. O teatro por si só já me fez compreender as nossas diferenças de uma forma única, me fez refletir sobre palavras do meu cotidiano, sobre as minhas atitudes, sobre o meu humor, sobre as minhas causas, sobre as minhas lutas... O teatro me fez respeitar mais o outro. O circo completou isso tudo. Pois além do respeito, o circo me ensinou a não subestimar e não duvidar do outro, pelo contrário: me ensinou que o apoio faz toda a diferença, e que acreditar no seu aluno é mais importante do qualquer conteúdo, pois é nessa relação que se desenvolvem os conhecimentos mais importantes que levamos para vida.

Sobre essa relação de conhecimentos para vida que envolve a experiência, não restrinjo o dever de alimentá-la especificamente pela figura mais velha (em geral) da educadora. Neste caso, deixo também o meu respeito a experiência não só das crianças, mas de todos os alunos, e um apelo para que as levemos mais a sério. Paulo Freire³⁶ já sugere isso há muito tempo. Se não somos capazes de considerar as experiências dos nossos alunos, construídas dentro de suas comunidades, não conseguiremos desenvolver melhores formas de ensinar aquela prática, além de não conseguir relacionar com o seu cotidiano e mais tarde todo esse conteúdo não valerá para nada nem fará sentido para o aluno.

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.” (FREIRE, 1996, p. 16)

Precisamos do olhar da criança, aquele ingênuo e mágico sobre o mundo, e de suas soluções simples. Elas me fazem enxergar uma nova perspectiva de tudo que eu passo dentro e fora de sala de aula. As dúvidas fazem com que eu me reinvente todos os dias enquanto circense e atriz. Cada vez mais eu entendo que a minha luta está bem longe e que aos poucos eu conquisto um pouco mais para contribuir um pouco mais.

O papel de todos os professores está em um detalhe: afeto! Sem ele eu não escuto. Sem escutar eu não compreendo. Sem compreender eu não converso. Se eu não converso com o meu

³⁶ Paulo Freire foi um educador e filósofo brasileiro. Considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, no século XX.

aluno, nunca vou saber o que está chegando e como ele está absorvendo tudo que eu estou tentando criar junto com ele. Sem esse diálogo a parte mais importante da nossa relação morre. Não podemos deixar o stress, as preocupações, a preguiça, a indignação com o governo, e todas as outras problemáticas da nossa profissão transformar a nossa capacidade de nos afetar com as coisas boas. Ao mesmo tempo não podemos e nem devemos ignorar estes fatos. Precisamos dividir as nossas lutas para que eles se identifiquem ou não, e aprendam mais tarde a lutarem sozinhos, afinal, estamos formando o futuro!

“Na perspectiva vigotskiana, os professores de arte, portanto, ou arte-educadores como têm sido denominados hoje em dia, são profissionais que tem um grande papel na sociedade, na medida em que são eles que, efetivamente, podem tornar a educação um processo não de repetição e memorização do que já foi construído historicamente na arte e na ciência, mas um processo de reconstrução de criação. São eles que podem mostrar a importância dos processos lúdicos no ensino-aprendizagem, atuando como mediadores da cultura, propiciando que crianças, jovens, adultos e idosos dialoguem com as produções de seus antepassados e de pessoas de outras culturas, e proponham suas próprias maneiras de interpretar o mundo e a si mesmos e de se envolverem em processos individuais e coletivos de fruição e criação.” (PULINO, p.17)

O afeto nos deixa sensíveis ao que está acontecendo, e nos tira no modo de reprodução automática da realidade, assim como comenta Lúcia Pulino sob a perspectiva de Vigotski. Ainda sobre afeto, por outro lado, em seu artigo sobre ações físicas, Renato Ferracini ³⁷ fala sobre o afeto para o ator. Faça o exercício de ler esse trecho relacionando a prática da atuação, e depois relacionando a prática do professor.

A potência de existência do corpo relaciona-se – mesmo em seu estado cotidiano de existência – mais com o seu poder de ser afetado e de compor com as forças externas para ampliar sua potência do que pelo seu poder e sua capacidade de agir. No corpo, assim como na matriz poética, o agir se produz pelo afeto. A preparação do ator deveria focar seu trabalho muito mais em sua capacidade e em seu poder de ser afetado do que em seu poder de afetar. É por isso que a pretensa intenção do ateador de “atingir o público” com sua ação parte de uma premissa equivocada. O ator busca ser afetado pelo mundo ao seu redor para, com isso e por meio disso, agir diferenciando-se em suas micro-ações. Esse poder de ser afetado também não deve ser confundido como causa-efeito: o ateador não se afeta para depois agir. Ele, em realidade, age com o afeto, no afeto, pelo afeto. (FERRACINI, 2009, p.127)

Nunca desassociei as profissões artista e professora. Não sou uma coisa somente. Sou as duas. Nunca renunciaria a uma delas. Sempre busco realizar as duas com muito afeto positivo

³⁷ Renato Ferracini possui graduação em Artes Cênicas pela UNICAMP (1993), mestrado (1998) e doutorado (2004) em Multimeios também pela UNICAMP. É ator-pesquisador e atualmente Coordenador do LUME - Núcleo interdisciplinar de Pesquisas Teatrais da UNICAMP onde atua teórica/praticamente em todas as linhas de pesquisa do núcleo desde o ano de 1993. É Presidente da ABRACE Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas para a gestão 2019/2020.

pensando sempre em uma passagem de Anne Bogart sobre sua atenção enquanto diretora. Mais uma vez, relaciono com a presença do professor em sala de aula:

Como diretora, minha maior contribuição para uma produção, a única coisa que posso oferecer de verdade a um ator, é a minha atenção. O que mais conta é a qualidade desta atenção. Com que parte de mim estou assistindo? Estou assistindo desejando bons resultados da peça ou assisto interessada no momento presente? Espero o melhor do ator ou quero provar minha superioridade? Um bom ator pode rapidamente discernir a qualidade da minha atenção, do meu interesse. Há uma linha de vida sensível entre nós. Se esta linha é comprometida, o ator sente. Se for depreciada pelo meu próprio ego, desejos ou falta de paciência, a linha entre nós estará deteriorada.” (BOGART, 2009, p.31)

Este trecho em específico é um dos meus preferidos porque fala de dois lugares dos quais eu admiro muito A direção teatral e a educação. Uma professora de artes em algum momento vai dirigir, e uma diretora em algum momento vai ensinar. Ao decorrer do tempo vamos entendendo com mais clareza a postura que adotamos nos dois lugares. Mas em geral, quando andam juntas, o trabalho todo fica muito mais harmonioso.

Dar aulas e estar em contato com os alunos é sempre uma troca que proporciona ao artista ter acesso a pensamentos, questionamentos e ideias diversas que movimentam a criatividade e o seu fazer artístico. (Tallyta Torres, 29 anos, circense)

Uma das descobertas mais importantes na minha trajetória como artista e como professora foi descobrir a minha real paixão por lecionar movimento. Hoje sinto que posso ensinar qualquer tipo de interpretação para minhas alunas, mas aquele do qual vou me sentir empolgada e realmente feliz ensinando é o teatro físico; e principalmente o teatro circo!!³⁸

Considero todos estes fatores vividos em sala de aula como parte de um treinamento eterno enquanto educadora. No filme, durante o capítulo 8: *O Cruel Treinamento de Pai Mei*, vemos algumas lembranças de como foi esse processo com um de seus principais mestres. Foi cruel, duro, exaustivo, mas um dia ela sentiu as recompensas. Graças a este treinamento, ela saiu viva do caixão onde foi enterrada. Às vezes nosso trabalho é assim, com estas características em graus distintos. Mas de repente, um dia, tudo vale a pena. Um abraço, uma fala, uma ação de uma aluna podem transformar toda essa peleja em algo gratificante. Assim como nos treinos, onde um dia 10 repetições são o seu limite, mas depois de um tempo

³⁸ Enquanto atriz, sempre penso teatro e circo juntos, tentando agregar ao máximo de um no outro independente do ambiente na qual me encontro; considero uma de minhas principais investigações.

persistindo, as mesmas ficarão fáceis, ou quando um movimento parece impossível e depois de um árduo período de prática, ele se torna mais acessível. Às vezes é necessário um treinamento intenso para sermos capazes de sair dos nossos caixões.

Te trouxe até aqui comigo, viajando nas minhas memórias, para tentar te fazer entender qual é o meu caminho de pesquisa tanto artístico como pedagógico. O teatro circo me fez entrar em um mundo onde mergulho cada vez mais: o risco. Lá em cima falei sobre ele. Meu interesse é entender como, através do teatro, administrar esse risco, transformar em arte e mudar/encantar pessoas. Transpassar a capoeira, o parkour, o circo e a ginástica com o teatro tem sido um grande desafio.

Sim, eu não te trouxe comigo para te dar respostas. Se você chegou até aqui, estou compartilhando o meu anseio de investigar esse lugar e de construir material sobre, cada vez mais procurando identificar os temas que abordam as minhas práticas dentro e fora de sala de aula. Por isso, durante as aulas procuro sempre fazer essas perguntas em relação a quem está fazendo a minha aula. Identificar essas respostas através do movimento dos meus alunos e alunas também é uma missão. Compreendendo esses tipos de relações, consigo propor caminhos que contemplem essas questões.

Quando você se sente em risco?

Tentar é uma opção?

Como saber o momento de desistir?

O desequilíbrio é um risco?

Você tem medo do desequilíbrio?

Você já se arriscou hoje?

O que é vencer?

O que você está fazendo para superar?

Como é a sua relação com a dor?

Qual é o papel do medo na sua vida?

Desistir ou persistir?

Você tem vergonha de errar?

CHAPTER 9. ELAS ESTARÃO LÁ!

Ser professora é bem difícil. Ser educadora é mais ainda. Se um dia você puder dar uma aula, ensinar alguma coisa, para um grupo de pessoas ao mesmo tempo, aceite o desafio. Isso não vai te fazer entender as problemáticas do dia-a-dia de uma professora, mas vai te colocar no lugar de transformar a informação para outra pessoa. Lembra do professor de exatas que você, eu, e quase todo mundo reclamava porque não sabia ensinar direito?! Pois é, hoje eu

entendo. É fácil mandar, castigar, impor respeito, ser temido, jogar informações e deixar o aluno “se virar” para entender. Mas é extremamente difícil conquistar o respeito da sua turma, fazê-los entender que não é pela nota e sim pelo futuro, pelo seu desenvolvimento, pela prática, e com tudo isso ainda construir uma comunicação transparente, deixando o aluno e o professor à vontade para expor suas dúvidas, seus erros e suas incapacidades. Estou tentando construir aos poucos no meu processo pedagógico estas etapas.

Depois de passar por tudo isso que contei para você, me vejo hoje responsável por mais de 50 meninas, sempre tentando mostrar que não é o que você tem, e sim quem você é que importa de verdade. Provocando o ser criativo através da criação da própria apresentação por exemplo, quando pude notar algumas alunas que quase sempre ficam quietas, trabalhado e se esforçando para fazer a apresentação dar certo. Deixo bem claro que não sou eu quem vai montar a nossa apresentação final, são elas. **Nona influência direta na minha prática pedagógica:** Fazê-las entender que elas podem alcançar todos os seus objetivos e sonhos. Ajudar a conquistar uma autoestima e confiança baseada em suas capacidades e não em aparências ou no que elas possuem. Não interessa onde, o que, quando. Elas podem. Elas vão conseguir se um dia tentarem e não desistirem daquilo que elas desejam ser.

Tenho certeza que através disso, um dia elas estarão lá, ocupando lugares que hoje são dominados por homens, se tornando referências para outras garotas, espalhando pelo mundo energias femininas, provando que não precisamos de energias masculinas para sermos mais fortes, precisamos do equilíbrio das duas. No filme, o capítulo 9: *Elle e Eu*, Beatrix encontra uma de suas maiores rivais e tem um dos combates mais esperados do filme – diga-se de passagem os melhores e mais detalhados combates durante toda a saga, foram protagonizados por mulheres. Até quando ela encontra Bud, é rápido e o foco não é ele, e sim mostrar que mais uma vez ela se superou. Em toda a saga as mulheres não ficam em segundo plano. Elas ocupam espaços de poder. Elas fazem as melhores batalhas. Lutamos contra a rivalização feminina influenciada pela cultura e pela mídia machista, mas neste caso, valorizo o quanto os homens foram simplesmente facilmente vencidos, e o principal assunto foi resolvido entre as mulheres, pois até a luta contra Bill foi bem mais tranquila e objetiva. Vemos a força e brutalidade que sempre é de cunho masculino, voltada para as mulheres. Pois elas também podem travar lutas violentas tecnicamente, sem necessariamente “puxar os cabelos” uma da outra”. Por isso, luto para que dentro de sala de aula, meus alunos e principalmente minhas alunas entendam que, nós mulheres não precisamos ser “fortes” como os homens, nem os homens precisam ser

“delicados” como as mulheres, e sim, que nós podemos ser o que somos e o que quisermos, independente do que é considerado masculino ou feminino.

CHAPTER 10. BILL!

Se você se sente inseguro e não sabe realmente o que está fazendo, tudo bem. Tente apenas trabalhar com interesse na precisão. Seja preciso com aquilo que não sabe.

(Anne Bogart, As seis coisas que sei sobre o treinamento de atores)

Bill é um personagem bastante curioso dentro da saga de Beatrix. Ao mesmo tempo que é a paixão de Beatrix, é líder do grupo das víboras assassinas, pai de seu filho, mestre e depois o seu assassino. Na última cena de Kill Bill Volume 2, onde ela finalmente vai em busca de consolidar a sua vingança, nos surpreendemos com alguns fatores. Primeiro, ela vai matar Bill, seu maior objetivo, de saia! Parece bobo, mas para o universo feminino não é. Saias nos fragilizam, porque não podemos mostrar a calcinha, precisamos estar de pernas fechadas e às vezes, dificulta a execução de alguns movimentos, além de nos deixar mais vulneráveis a abusos. Segundo, descobrimos que Bill cuidou de B.B., a filha dos dois que Beatrix pensou ter pedido após sair do coma de quatro anos. Por causa disso, o encontro deles é totalmente diferente de todos os outros “acertos de contas” da noiva durante a saga. É tranquilo, com uma violência calma e pouco explícita, mas cheio de significados. Beatrix é recebida por uma brincadeira de arminhas entre Bill e B.B. Mais tarde, ao fazer sanduiches, Bill conta como B.B. aprendeu sobre a vida e a morte através do seu peixinho, quando ele morreu sendo pisado pela criança. B.B disse que sabia que ele estava morto quando Emílio parou de se debater no chão. Logo depois, a mãe vai colocar a filha para dormir e Bill conta que atirou na mamãe. Não de brincadeira como eles fazem, e sim de verdade. A criança pergunta para a mãe se doeu e ela responde que não dói mais. Elas se deitam juntas para ver um filme de luta e violência, como se fosse um desenho animado. Apesar dos pesares sobre Bill, ele criou a filha ensinando que ela pode atacar, que ela não é indefesa, usando armas e vendo filmes que geralmente são colocados como características do mundo masculino.

Quando B.B. dorme, a noiva desce para conversar com Bill. Ele atira um dardo como soro da verdade nela, e até o efeito se manifestar ele conta uma metáfora sobre o super-homem³⁹.

“BILL – Como você sabe, eu sou fanático por histórias em quadrinhos. Especialmente aquelas sobre super-heróis. Acho fascinante toda a mitologia em torno dos super-heróis. Veja meu herói favorito: Superman. Não é uma grande HQ, não é particularmente bem desenhado. Mas a mitologia, a mitologia não é só ótima. É única. [...] Agora, o ponto principal da mitologia de um super-herói é que existe um super-herói e existe seu alter ego. Batman é na verdade Bruce Wayne. Homem-Aranha é na verdade Peter Parker. Quando este personagem acorda de manhã, ele é Peter Parker. Ele tem que vestir seu disfarce para se transformar no Homem-Aranha. E é nesta característica que Superman é único.

Superman não se transforma em Superman... Superman nasceu Superman. Quando o Superman acorda de manhã, ele é o Superman. Seu alter ego é Clark Kent. Seu uniforme, com aquele grande S vermelho, sua manta que o cobria quando foi encontrado pelos Kent... estas são as suas roupas. O que o Clark veste, seus óculos, suas roupas... este é o seu disfarce. Este é o disfarce que o Superman usa para se misturar conosco. Clark Kent é como o Superman nos enxerga. E quais são as características de Clark Kent? Ele é fraco. É inseguro. É um covarde. Clark Kent é a crítica do Superman a toda raça humana.

Parecido com Beatrix Kiddo e a Sra. Tommy Plympton.

Você era aquela disfarçada de Arleen Plympton. Mas nasceu como Beatrix Kiddo. E toda manhã, quando acordar ainda será Beatrix Kiddo.

Ah, você pode tirar a agulha.

NOIVA – Você está me chamando de super-herói?

BILL – Estou a chamando de assassina. Uma assassina por natureza. Foi sempre assim. E assim será. Quando estava em El Paso, trabalhando na loja de discos usados, indo ao cinema com Tommy... essa era você... tentando se disfarçar de abelha operária. Essa era você tentando se misturar à colmeia. Mas você não é uma abelha operária. Você é uma abelha assassina renegada. E não importa quantas cervejas você tome, ou

³⁹ QR da cena em que Bill fala o seu monólogo sobre o super-man!



quanto churrascos você coma, ou o quanto você engorde, nada no mundo mudaria isso.”

Bill diz tudo isso, para perguntar por que Beatrix foi embora. Ela, em resumo, explica que descobriu a gravidez e não queria que a filha se envolvesse no mundo em que a mãe trabalhava. No fim, Beatrix mata Bill com um golpe chamado “Os 5 pontos que explodem o coração”⁴⁰, uma técnica nobre ensinada a ela pelo mestre de Bill, Pai Me, que nunca havia ensinado para ninguém.

Apesar de tudo, Bill morre de forma nobre. Assim como tudo que tive que matar para finalizar esta etapa. Todas as horas de sono, todas as oportunidades de ficar em família, preconceitos e opiniões que já considere certas, medos, dúvidas, certezas, enfim. O monólogo de Bill sobre o super-homem me faz lembrar o meu eu artístico. Diversas vezes pensei em desistir dessa profissão, dessa área, por achar “existencial” demais, ou desvalorizada, me preocupar com o futuro, com dinheiro, com sustento, com a minha família... e quando essa crise bate, é dessa fala que eu lembro. Mas na minha cabeça vem: “Você é uma abelha artista renegada. E não importa quantas cervejas você tome, ou quanto churrascos você coma, ou o quanto você engorde, nada no mundo mudaria isso.”

Antes de descobrir que havia passado para artes cênicas, meu irmão quis me colocar em um cursinho para vestibular. Mas ele disse que não pagaria para que eu entrasse em artes cênicas. Eu disse então que faria audiovisual. Tentei muito fazer parte daquele mundo, de pessoas que queriam passar no vestibular pensando no dinheiro que ganhariam com as suas profissões, que não aproveitavam o conteúdo da aula, só anotavam e decoravam fórmulas, ao invés de debater e discutir a matéria. Sentia falta do teatro. Fui honesta. Precisei me dedicar àquilo que me fazia bem. Sou filha de um caminhoneiro apaixonado pela estrada, que se sente sufocado ao pensar em trabalhar em escritórios, e de uma mulher caixa de supermercado que

⁴⁰ Dim mak que traduzido significa, (Toque da morte) é uma técnica de artes marciais orientais. É chamada de "toque da morte", pois alega-se que, se usada corretamente, ela tem a capacidade de ser mortal. Dizem que esta técnica surgiu paralelamente à acupuntura, junto com os estudos que mapearam os pontos do corpo humano: os pontos terapêuticos foram estudados pelos médicos, e os pontos traumáticos pelos mestres de artes marciais da época. Cientistas esportivos que analisaram a técnica constataram que ela é tão perigosa como qualquer golpe forte no coração. Essa técnica faz conceito do uso do chi, que é a energia interior de cada pessoa. Na tradição, essa energia circula através do corpo inteiro dentro de certas rotas e nessas rotas localizam-se alguns pontos que, se pressionados, podem produzir diversos efeitos, benéficos ou não. Quando um desses pontos sofrem um golpe, a pessoa pode sentir desde tonturas, sentir-se imobilizada ou até morrer após ter um desses pontos pressionados. O Dim Mak é focado exatamente em pressionar com técnicas precisas estes pontos vitais do corpo humano. Essa técnica era conhecida principalmente por antigos mestres de Karatê de Okinawa.

apesar de todas as dificuldades faz tudo com muito amor e carinho. Cresci com pouco dinheiro, mas com muita inspiração dentro de casa. Daqui para a frente o importante é não esquecer que posso me sentir perdida de vez em quando, está tudo bem. Insegurança faz parte do caminho.

Mas a maioria dos artistas concordaria que seu trabalho não provém de uma ideia de como será o produto; ao contrário, surge de um apaixonado entusiasmo pelo assunto. Para gerar o entusiasmo indispensável, tem de haver algo em jogo, em risco, algo importante e incerto. Segurança não desperta nossas emoções. Não é uma tragédia não saber o que se está fazendo e não ter todas as respostas. Mas a paixão e o entusiasmo por algo o conduzirão pela incerteza. Se você se sente inseguro e não sabe realmente o que está fazendo, tudo bem. Tente apenas trabalhar com interesse na precisão. Seja preciso com aquilo que não sabe. (BOGART, pg. 63).

Décima influência direta na minha prática pedagógica: Perseverança! Não adianta pensar em estágios e trabalhos mais burocráticos para ganhar dinheiro. Sou artista, professora e atleta. Vou enfrentar várias dificuldades ainda durante esse caminho. Mas também cuidarei da semente de força que cultivo em mim, assim como Beatrix vai cuidar de B.B., daqui para frente, para poder semear durante as minhas aulas tudo aquilo que me move e que um dia, moverá outras pessoas.

Considerações finais

Durante este processo de me tornar professora, e já durante a minha prática, identifiquei temas que estão presentes diariamente em minhas aulas e que constroem a minha pedagogia: fusão de linguagens; empoderamento feminino nas práticas corporais artísticas e pedagógicas; identidade de gênero na cena teatral, circense e esportiva; alteridade, resiliência e altruísmo enquanto princípios a serem desenvolvidos na aula de teatro e circo; medo e risco enquanto pedagogia para a construção de uma autoestima e confiança em si mesmo.

Consegui identificar estas influências através de todas estas memórias colocadas até aqui, onde analisei o meu percurso na área de movimento até hoje, comparando a aulas que tive enquanto criança, enquanto adolescente, enquanto universitária e agora, as minhas próprias aulas enquanto professora. Já precisei acessar estas experiências que você acabou de ler em vários momentos durante as aulas para explicar alguns processos para os meus alunos e alunas, para servir de exemplo, para incentivar, para compreender algumas ações e assim aproximar cada vez mais uns dos outros, criando um vínculo que só a nossa história é capaz de criar e buscando caminhos para facilitar os processos individuais e coletivos.

A licenciatura em Artes Cênicas me proporcionou este lugar de reflexão que exploro hoje. Para além de seres humanos robotizados, mecânicos e extremamente racionais, precisamos de sensibilidade, afeto e consciência de expressão para conseguirmos estabelecer uma comunicação mais eficiente, não só pela verbosidade, mas também pela entrega do corpo

inteiro envolvida na construção de linguagem pessoal e coletiva. Enquanto professores de Artes Cênicas, adoramos formar artistas. Mas amamos formar pessoas com olhares críticos sobre o mundo, capazes de se comunicar em qualquer meio, desenvolvendo habilidades e competências para além da fala.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOGART, Anne. Seis coisas que sei sobre o treinamento de atores. Revista Urdimento. Santa Catarina, CEART/UEDESC, volume 12, 2009. Disponível em <http://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/5417/3617>

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, volume 19, número 2, página 04-27, jul./dez. 2011. Disponível em <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444/1898>.

SILVA, Erminia. Circo-teatro: Benjamim de Oliveira e a teatralidade circense do Brasil. 1º edição. São Paulo: Editora Altana. 2007.

FERRACINI, Renato. Ação física: afeto e ética. In: Revista Urdimento. Santa Catarina, CEART/UEDESC, volume 13, 2009.
Acessado em 28/10/2019, disponível em: <https://www.oarquivo.com.br/variedades/curiosidades/4869-dim-mak,-o-toque-da-morte.html>

GROSSI, Miriam. Identidade de Gênero e Sexualidade. Antropologia em Primeira Mão, n. 24, PPGAS/UFSC, Florianópolis, 1998 (revisado em 2010).

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. Editora EGA. 1996, digitalização 2002.

Pulino, L. H. C. Z. A Teoria Sócio-Histórica de Vigotski (pp. 72 -90). Em Maciel, D. A & Pulino, L. H. C. Z. A psicologia e a Construção do Conhecimento. Brasília: LGE editora. 2008.

APÊNCIDES

Primeiro questionário: Mulheres fortes! 10 mulheres que acompanho por redes sociais há algum tempo. Algumas profissionais em sua modalidade, outras apenas praticantes.

Segundo questionário: Professores e Artista Circense! 4 professores de circo de Brasília, duas mulheres que também responderam no questionário anterior, e dois homens integrantes da Trupe de Argonautas.

Questionário: Mulheres fortes!

- 1 – Me conta um pouco sobre você! Nome, idade, há quanto tempo pratica atividades físicas?
- 2 – Qual tipo de atividade física você pratica? Como/por que começou a treinar?
- 3 – Quais foram os maiores desafios que você encontrou/encontra pelo caminho?
- 4 – Você já identificou padrões (atitudes, falas...) machistas no meio em que você pratica atividades físicas? Como lidou com eles?
- 5 – Quais as principais dificuldades que você encontra sendo mulher nesse tipo de atividade física?
- 6 – Você percebeu mudanças no corpo? Como foi esse processo para você e para as pessoas ao seu redor?
- 7 – Como ficou a sua relação com a sua feminilidade depois de começar a treinar?
- 8 – Quer contar mais alguma coisa? Fica à vontade!! <3

Respostas!

Sthefany Alves Paiva, GO

25 anos

Prático atividades físicas desde criança devido ao incentivo da minha família paterna. Sempre me identifiquei neste meio. Hoje em dia pratico futebol as quartas-feiras com um grupo de amigas e durante os finais de semana atuo como arbitra de futebol, sou formada na área pela federação de futebol de Brasília. Sou licenciada em Educação física também. Iniciei minhas atividades em casa com o meu pai me ensinando karatê básico, depois fui me desenvolver na época da escola praticando Kung fu, uma arte marcial chinesa que chegou ao Brasil. Consegui

me graduar até a faixa preta, com muito empenho e quebra de paradigmas. Logo após fui jogando todas as modalidades de educação física, futebol, handebol e voleibol, ganhando campeonatos estaduais e municipais. Não foi tão fácil assim adquirir tudo isso, na maioria das vezes fui taxada como homossexual, devido às minhas práticas esportivas e desenvolvimento corporal que era extremamente visível. Eu nunca fui atacada verbalmente de cara pelas minhas escolhas, até porque mulheres fortes e de peito acabam trazendo medo para o ambiente que convivem. Na minha frente todos me respeitavam, mas nas costas sabia do preconceito existente. Nunca deixei de ser feminina, eu só era um pouco bruta, na verdade eu sou até hoje kkkk. Na verdade, o preconceito que sofri era justamente de colegas minhas de sala de aula, que logo depois percebi que era apenas problemas pessoais delas mesmas de limitação; muitas das vezes queriam seguir padrões de feminilidade que nem elas mesmas no fundo queriam seguir. Sou hoje, uma mulher completamente realizada com tudo o que sou e conquistei até aqui, sou realmente respeitada por tudo o que fiz e faço. Me sinto acolhida e um exemplo para muitas que querem conseguir o seu espaço, mas que na verdade o espaço é de TODOS.

- Poliana Sousa, DF

35 anos.

1 – Comecei na Escola, com 11 anos, na 5ª série, jogando basquetebol.

2 – Minha base é com esportes de bola e chão. Do basquete, fui pro tênis, depois squash, badminton. Daí conheci o parkour com 21 anos. Nesse período experimentei várias outras modalidades. Skate, Ginástica, Musculação, Calistenia, wakeboard, canoa hawaiana, dança, futevôlei. Todos comecei por curiosidade. Alguns treinei fielmente e outros apenas experimentando. Nos últimos anos resolvi ir para o meio aquático depois de sofrer mergulhando e surfando. Resolvi aprender a nadar. Tô amando.

3 – Todos mais relacionados com dinheiro. Compra de equipamentos, comer bem. Mas como me encontrei em vários esportes, não passei muita dificuldade não.

4 – Vários. Aconteceu e ainda acontece. Como convivi muito em lugares predominantemente masculinos, aprendi muitas coisas para me defender, repudiar e ensinar. Lidou no “vivendo e aprendendo”. Assumo que já fui vítima de muitas fofocas e outros. Mas acredito que o cenário está mudando. Fico feliz de ser parte dessa mudança

5 – Não encontro mais dificuldade nenhuma

6 - Sim, as diferenças foram principalmente em relação à força e volume muscular. Como sempre apliquei em mim as coisas que estudei e estudo, ganhei respeito com essas pessoas ao redor, seja explicando, discutindo, conversando...sendo exemplo.

7 – Só melhorou. Afinal aprendi mais ainda sobre mim. Aprendi a me amar mais

- Agnes Rumi, SP

26 anos

1 - Pratico atividade física desde pequena.

2 - Pratico dança e parkour. A dança comecei desde pequena porque alguma coisa me dizia pra dançar, mas já não me lembro porquê. Já o parkour, comecei porque procurava alguma atividade que fosse tão legal quanto o atletismo (que eu praticava antes), mas que não fosse competitivo. Testei o parkour e me apaixonei!

3 - Acho que o maior desafio é sempre a autocobrança e as barreiras mentais e psicológicas que passamos todos os dias.

4 - Sempre! A fala: “mas até ela faz” é sempre presente! Costumo seguir minha prática... mas as vezes dá aquela vontade de desafiar de um jeito sutil a pessoa teve atitude machista sabe? hahahaha

5 - Acho que os paradigmas estão mudando, mas acho que as principais dificuldades são os estereótipos e a falta de crédito.

6 - Ser mulher e viver no mundo da atividade física muitas vezes significa abrir mão daquela imagem estereotipada de fragilidade e delicadeza, mas como minha família e amigos são majoritariamente da atividade física, não senti muita diferença!

7 - Sobre a feminilidade, acho que o lado da força feminina e da energia bruta combinada com movimentos sutis se tornaram uma característica minha!

8 - Acredito que muitas vezes a mulher parece ter desvantagem em algumas práticas físicas, mas que na realidade essa diferença só existe porque o homem começou a prática gerações antes... E, lindamente, essa diferença tem diminuído cada dia mais!

- Marcella Vitelli

20 anos

1 - Em outubro eu faço 8 anos de acrobacia aérea.

2- Acrobacia aérea, comecei a treinar quando morava na Bahia e uma argentina levou um tecido pra lá e começou a dar aulas do lado da minha casa, fiz pouco tempo lá.. depois que me mudei pra Brasília fui atrás de um esporte e lembrei do tecido. Então me matriculei na aula.

3- Com certeza a flexibilidade... sempre fui bastante dura e acho que sou até hoje.

4- Já vi vários homens héteros falando que não iam fazer a minha aula por que era coisa de menina e gay. Eu só respondia que não tinha nada a ver e que era uma prática normal, falava pra primeiro fazer uma aula experimental e depois me falar se era coisa de “menininha”.

5- Acho que as vezes a galera não leva a sério por falta de conhecimento da aula, acho que é só se pendurar em um “pano” e pronto.

6- Com certeza percebi... meu corpo ganhou definição e não muita força. Minha família gostou... parecia que meu corpo era uma forma de chamar a atenção para novos alunos.

7- Ficou ótima... eu sempre fui muito magra e não me achava nada atraente, depois de um tempo de treino comecei a me achar super massa kkk

- Anna Luisa Moura, DF (agora no RJ)

24 anos

1 - Há 3 anos

2 - Acrobacia coletiva. Sempre tive vontade de fazer algum exercício físico, mas nunca tinha tido oportunidade. Então fiquei sabendo de aulas e circo que eram dadas gratuitamente no Centro Olímpico da UnB e me inscrevi.

3 - Então, eu acho o circo em BSB um bagulho MUITO elitizado. Quando acabou esse projeto eu fiquei treinando por fora com outras pessoas, porque nunca tive grana de pagar studio, academia etc. O que me deu oportunidade de treinar duo e acrobacia de solo foi o cheerleading.

4 – Acho difícil o machismo em duo porque os portôs costumam ter a irritante mania de colocar a culpa dos erros nos volantes. Inclusive fiz questão de trocar de modalidade depois que entrei pra ENC (Escola Nacional de Circo) por causa de coisas assim. E poxa, você se sente um lixo as vezes tá ligado, sendo que quando algo não acontece é responsabilidade, ou pelo menos, deveria ser, da dupla. Minhas formas de lidar foram mudando. No início eu aceitava muita coisa, ria de coisa que me ofendia e pá, depois eu comecei a discutir com galera que me incomodava, atualmente eu sempre falo se algo me incomoda e se precisar bato o pé e falo alto.

Não me preocupo se tiver que brigar com alguém, porque hoje eu tenho a consciência de que não sou obrigada a aceitar as paradas pra poder treinar

5 - Cara as principais dificuldades são meio que as mesmas que em todos os outros: identificação e ter que ser 3x melhor do que um homem pra ser reconhecida pelo menos como boazinha.

- Tamy Bennech, DF

31 anos

1 - Eu fui atleta de futebol e jiu-jitsu até os 18 anos e fiquei afastada por conta de uma lesão. Durante muitos anos eu tive vontade de voltar pro esporte, mas sentia que não me encaixava mais no que eu praticava.

2 – Hoje eu faço calistenia e yoga. Comecei porque um dia acordei literalmente de saco cheio de ser/estar sedentária conheci a calistenia por acaso.

3 – Às vezes (na maioria delas) a disposição e motivação pra ir treinar mesmo. A rotina cobra muito e tem hora que eu tento priorizar o esporte mas o tempo não colabora.

4 – Demais, quando entrei pra calistenia logo de cara eu percebi que raramente os caras postavam as meninas nas redes sociais. Até mesmo coisas simples como dizer “agora tantas barras e as meninas na isometria”. Mas porquê cargas d’agua não é pra gente fazer as barras? Hoje em dia confesso que eu ignoro, inclusive eu passei a treinar mais sozinha por conta disso.

5 – Assédio! mesmo que velado é algo que acontece TODO O TEMPO e isso é um saco! Os caras comentam de tudo.

6 – Sim, já estive bem mais forte, falando de massa muscular, hoje eu dei uma aliviada nos treinos por conta do ombro. Mas como meu rolê nunca foi estética. Não ligo muito. Pra mim foi bem normal. para as outras pessoas eu já não sei (tirando os caras que comentam a torto e à direito.)

7 – A mesma de sempre! eu acho que meu corpo reflete aquilo que eu pratico. Então pra mim, isso não é uma questão. só uma consequência dos exercícios

8 – Quer contar mais alguma coisa? Fica à vontade!! <3

Só queria comentar que eu decidi me “exercitar” porque foi a única coisa que me levantou da depressão. Seguimos lutando!

- Gabriela Machado, SP

1- Oi! hahahaha meu nome é Gabi, tenho 24 anos, faço atividade física desde pequenininha, meus pais sempre me influenciaram (quando eu era pequena, porque pra eles hoje em dia eu devia é estudar e trabalhar com algo 'sério') mas sempre fiz de tudo, capoeira, judô, dança flamenca, jazz, dança do ventre e por ai vai... coisa de quando a gente tá experimentando.

2 – Eu pratico Parkour. Comecei a treinar há três anos, quando na real precisei de um emprego porque queria sair de casa e tocar minha vida, fazendo as coisas que gosto e não o que meus pais querem. Mandeí currículo pra várias academias de musculação, e por acaso enviei pra uma de Parkour também no meio, e acabou que eles me chamaram e fui fazer estágio como recepcionista lá. Aí comecei a me envolver, assisti muita aula, comecei a colocar em prática na rua e acabei percebendo que fazia muito bem pra mim. Meus chefes também perceberam que eu tava me dedicando e aos poucos foram me colocando em outros cargos, assinaram minha carteira e hoje eu cuido de eventos, reuniões de equipe, parte interna de funcionamento (como apresentar o parkour pra quem não conhece, como melhorar aulas, etc) e por ai vai rs. Hoje é uma parte bem importante da minha vida, porque foi o que me ajudou a ser independente e também a descobrir o meio em que vivo, a própria cidade, como algo que realmente me pertence e que eu posso usar e explorar pra me fortalecer e pra me conhecer.

3 – O maior desafio pra mim foi, e é, ter que ficar me provando sempre em dobro pra conseguir as coisas. Tanto pra trabalhar com parkour como na vida em geral, por ser mulher, você é menos valorizada e vista como "não tão forte, não tão boa", e tudo o que eu conquisto sempre é visto como "ah mas as pessoas estão fazendo isso só porque você é mulher mesmo", muita gente não enxerga que tudo o que conquistei até hoje é fruto do meu esforço e dedicação. Isso é algo que me atrapalha, porque me frustra, mas tenho que trabalhar minha cabeça pra enxergar que as pessoas às vezes são ruins e querem te deixar pra baixo mesmo, pela sociedade podre que a gente vive.

4 – Muitos! Ainda encontro. Já ouvi que eu nunca seria tão forte como um homem, que as mulheres nunca seriam boas no parkour como os homens são, que eu só tinha prestígio por ser mulher e não porque eu treinava. Um super recente, e horrível, foi um cara que parabenizou dois amigos meus por um vídeo que eu posteí no Youtube. O cara parabenizou dois homens pela minha movimentação - e pasmem, não falou nada pra mim, nem um "gostei do seu vídeo". No começo do ano fiz uma sessão de perguntas e respostas no instagram perguntando pra galera sobre a relação do parkour e machismo, e muita gente ficou até brava comigo, dizendo que no

Parkour isso era inexistente, que a comunidade era maravilhosa. Então eu fui pegando algumas meninas que respondiam de forma mais tímida, comecei a conversar com elas e vi diversos relatos de situações super desagradáveis, que eram inviabilizadas porque a comunidade quer que o Parkour seja valorizado e às vezes vinda os olhos pra algumas coisas. Sem contar as oportunidades, já que o parkour é algo não tão grande ainda, e quando você quer trabalhar com isso tem que esperar acabarem os homens da fila pra alguém te chamar.

5 – Pra mim, a maior dificuldade tem sido lidar com os outros. As pessoas me veem treinando na rua e falam "isso não é coisa de menina, você vai se machucar". A coisa mais estranha que aconteceu foi um cara que disse que eu ia morrer (olha o nível do que as pessoas falam). Conscientizar as pessoas é um processo normal, mas é complicado ter que parar de treinar todo dia pra ir trocar ideia com um cara que está me falando pra desistir do que eu faço e fazer ele entender que não tem nada a ver. Então muitas vezes eu tenho que ser grossa e dar uma resposta que a pessoa não gosta, pra tentar cortar o assunto de vez e continuar treinando.

6 – Muitas! Fiquei mais forte, com várias marquinhas (rs), não tenho mais cólica, e o treino também é um super remédio natural pra minha dor de cabeça, e também pra evitar crises de enxaqueca por ansiedade que tenho. Eu me sinto muito mais segura comigo mesma, porque o Parkour é uma atividade que depende apenas de você e do seu corpo, não existe um outro, apenas você e o espaço. E eu aprendi a lidar comigo mesma, com minha falta de força no começo, com todos os meus processos de aprendizagem (motores e mentais).

7 – Eu sinto que ajudou na minha afirmação pessoal de que não devemos categorizar as coisas por feminino e masculino. Eu ouvi muitas meninas dizendo que ficaram com vergonha porque o Parkour deixa você com os braços fortes, e você fica com "braço de homem", e por aí vai. Eu já não acreditava nesse tipo de coisa, e depois que percebi a utilidade que meu corpo ganhou conforme fui ficando mais forte, vi que isso não é coisa de menino - é coisa de gente que quer ser bom naquilo que faz. Posso dizer que me sinto muito mais eu mesma. Eu me sinto uma menininha muito muito forte e muito muito feliz.

8 – Obrigada demais por me incluir nesse rolê! hahahaha ajuda super na nossa visibilidade principalmente como atletas.

- Karolina de Oliveira (Karol Oliveira), DF

1 - Tenho 24 anos e pratico atividade física desde sempre. Meus pais eram contra mestre de capoeira, então desde muito cedo estive em contato com esporte e outras atividades físicas.

2 - Atualmente pratico Parkour. Comecei por conta de um ex namorado, mas me descobri na modalidade e nunca mais saí.

3 - O maior desafio é a valorização do esporte e a igualdade. Mulheres são fortes e muito capazes!

4 - Sim! Várias vezes. Coisas do tipo, "se até a mina faz você tem q fazer também cara". Bom, hoje em dia eu tento ensinar esses garotos/homens que as mulheres podem fazer o que quiserem e que elas conseguem SIM! Elas Podem! Nós podemos!

5 - Atualmente a mulher está sendo muito mais aceita. Ainda são poucas mulheres no meio mas sei que são mulheres fortes.

6 - Tem muitas mudanças. Ficamos mais fortes e resistentes! E para as pessoas ao redor? Bom... elas não pagam os meu boletos então não me importo. hahahahah

7 - hmmm ficou ainda mais forte, me encontrei e me descobri!

8 - Obrigada por esse questionário lindo! Estamos todas juntas.

-Tallyta Torres, DF

1 - Tenho 29 anos e pratico atividades físicas diversas desde criança.

2- Atualmente pratico acrobacias aéreas, pole sports e musculação. O circo entrou na minha vida em 2013, e desde então não parei mais. Me especializei em acrobacias aéreas e acabei buscando em 2012 no pole dance um treinamento/pesquisa adicional ao que eu já fazia com os aparelhos aéreos. A musculação acabou sendo um treinamento complementar para prevenir as lesões e melhorar o condicionamento físico global.

3- São muitos desafios! Como praticante, artista e atleta de atividades “não convencionais”, você se depara com um mundo que simplesmente não entende o que você faz, ou porque você faz. No início tive muita dificuldade em ter um acompanhamento de preparador físico, fisioterapeuta, nutricionista e médico, que realmente entendesse as minhas necessidades. Ter que se dividir e organizar o tempo e a saúde para treinar, melhorar desempenho e trabalhar também não é fácil, até porque não existe uma divisão clara do que é meu trabalho e do que é minha atividade física na maioria das vezes.

4- Com certeza! Principalmente com o pole dance. As pessoas (não só homens!) já te imaginam fazendo strip tease na boate, como se todo o seu suor para treinar técnicas, força, flexibilidade, etc, fosse para agradar alguém, fosse para sensualizar. E não é –Mas e se tivesse, qual era o problema? As pessoas não levam a sério o que você faz pela arte porque vivemos em

uma sociedade aonde não aprendemos a valorizar a arte. Foram muitas situações aonde eu realmente não dei importância, mas quando participei de programas de tv com o tema de “show de talentos”, aonde os apresentadores que deveriam estimular a arte simplesmente fizeram as mesmas piadas dos homens machistas eu me incomodei bastante. Parece tão inocente, parece quase um elogio, mas não é.

5- No mundo do circo/pole, acredito que ser uma praticante mulher tem até menos desafios e preconceitos do que ser um praticante homem. Mas como mulher sempre temos que nos desdobrar para não se deixar abalar por diversos tipos de assédio.

6- Meu corpo sempre foi mais ou menos a mesma coisa, tive bastante redução do percentual de gordura e aumento de hipertrofia com os treinos para competições de pole, acho que essa foi a mudança mais significativa de todas. Mas é um corpo que permanece assim enquanto você estiver treinando muito forte, seguindo dieta, não tem como se manter assim por longos períodos ou você certamente vai ter uma lesão, ou algum problema psicológico. Tive que aprender a respeitar meu corpo pois ele é o meu meio de comunicação com o mundo, a forma que eu consigo me expressar. O erro de muitas pessoas é achar que vai ter o corpo da competição para sempre, e acabar focando só nessa estética que por si só não diz nada.

7- Tive uma relação complexa com a minha feminilidade desde a adolescência, pois era difícil entender as mudanças do meu corpo e meus ciclos. Não parece difícil treinar forte e ficar sem menstruar, por exemplo. Mas por trás há todas as mudanças hormonais influenciam no humor e comportamento. E então você para um pouco, ganha mais gordura, tudo vai mudando de novo. É um processo no mínimo interessante de autoconhecimento e autocuidado

- Luiza Adjuto, DF (agora no RJ)

1 – Tenho 26 anos e pratico atividade física desde sempre, fiquei sem praticar do ano de 2008 ao 2011.

2 – Circo, comecei a praticar porque sempre dancei e escalava e encontrei uma atividade que podia fazer os dois, que houvesse a adrenalina e a arte, além de ser (no circo aéreo) um universo de muitas mulheres.

3- As dores do corpo e lutar contra a diminuição externa do meu trabalho de pessoas tanto fora do circo quanto dentro do circo. O machismo é cruel em muitos sentidos.

4 – Muitas, o tempo todo. Eu tento fazer trabalhos autênticos pra não ser comparada com outros trabalhos. Assédio é muito difícil, desde que entrei pro circo até hoje os professores são muito assediadores e abusam da sua autoridade, eu não sei lidar.

5 – Quais as principais dificuldades que você encontra sendo mulher nesse tipo de atividade física? Respeito.

6 – Eu ganhei corpo e braços enormes, eu fiquei mais confiante porque eu era muito magra, mas em compensação todo mundo fala do meu corpo e da minha bunda e eu não gosto. eu me sinto mais confiante do que antes, mas continuo me sentindo insegura.

7 – Eu não entendo o que significa ser feminina, acredito que continuo a mesma pessoa em relação a "ser feminina", acredito que agora mais que nunca carrego o discurso feminista comigo.

8 – O machismo existe em qualquer esfera de trabalho, no circo ele se disfarça e isso é horrível.

Questionário: Professor e Artista Circense.

1 – Me conta um pouco sobre você! Nome, idade, há quanto tempo pratica atividades circenses? Como conheceu esse universo?

2 – E quando/como/por que você começou a dar aulas de circo?

3 – Quais foram os maiores desafios que você encontrou/encontra pelo caminho?

4 – Quais são os “prós e contras” de dar aula de circo em Brasília?

5 – Você percebeu mudanças em sua prática artística do dia-a-dia depois que começou a dar aulas?

6 – E como pessoa? O que essa experiência da prática pedagógica do ensino do circo agregou na sua vida?

7 – Quer contar mais alguma coisa? Fica à vontade!! <3

Respostas!

- Marcella Vitelli, DF

2- Comecei a dar aula de circo quando a minha professora me chamou pra ser monitora dela. Depois ela precisou fazer uma viagem e eu já estava com coragem de assumir a turma!

3- Acho que o maior desafio foi os alunos me levarem a sério pois eu tinha acabado de fazer 18 mas com cara de 13 então ninguém achava que eu tinha capacidade para dar aulas.. mas depois da primeira aula eles viram que não é bem assim.

4- Eu gosto muito de dar aula aqui. Acho que já me adaptei bem a região. Não tenho muito o que falar sobre isso.

5- Cara, eu digo que sou total técnica e nem um pouco artística, até me considero um robô... não gosto muito de me apresentar. Gosto mais de ensinar.

6- aaaah, percebi que todo mundo é capaz de conseguir fazer uma aula, basta tentar! Mesmo que você demore muito... e só não desistir, juro que uma hora sai kkk

7- Acho que não. nunca tive nenhum “problema” com isso.

- Tallyta Torres, 29 anos.

1 - Pratico atividades circenses desde 2003, meu pai me obrigou a fazer aulas de circo na escola que ficava na frente de casa para gastar minhas energias de pre adolescente. Comecei com acrobacias de solo por um ano e um ano depois fui para os aéreos.

2- Foi bem natural. Eu me dedicava bastante nos treinos e sempre gostava de ajudar as pessoas que treinavam comigo, virei monitora da turma que frequentava, dava oficinas de circo infantil em eventos e ao mesmo tempo tive minhas primeiras turmas regulares para crianças antes de começar a dar aulas para adultos. Sempre tive muita curiosidade em descobrir novos movimentos nos aparelhos, desenvolver as técnicas, entender o que eu precisava ou o que as outras pessoas precisavam trabalhar para evoluir e atingir seus objetivos. Eu não me imaginava fazendo outra coisa senão dar aula e apresentar.

3- Meu primeiro desafio como professora foi ter uma metodologia, e não apenas sair ensinando movimentos aleatoriamente. Hoje não existem muitas referências ou estudos, então há 13 anos atrás era quase impossível ter acesso a algum material referente a pedagogia do circo. Aos poucos fui criando a minha metodologia, estudos foram aparecendo timidamente, fiz educação física, pós graduação em treinamento esportivo, e até hoje me dedico bastante a encontrar os caminhos que facilitem a todas as pessoas terem acesso e praticarem acrobacias aéreas de forma segura, eficaz e prazerosa, a pesar de ainda sentir muita falta das pesquisas científicas na nossa área.

4- Acredito que Brasília é uma cidade estimuladora da prática de atividades circenses, pois muitas pessoas gostam e procuram aulas de circo e temos muitos profissionais da área na

cidade. Além disso, há uma grande quantidade de escolas se compararmos com Rio de Janeiro e São Paulo, cidades muito maiores. Os contras: atualmente a crise na economia e política acaba afetando financeiramente as pessoas que pagam por essas aulas, houve também a diminuição do incentivo público para a cultura, que daria espaço para aulas acontecem de forma gratuita para a população, e o alto custo de alugueis e manutenção dos espaços que comportariam iniciativas de escolas de circo privadas, mas acredito que estes não sejam “contras” apenas de Brasília.

5- Dar aulas e estar em contato com os alunos é sempre uma troca que proporciona ao artista ter acesso a pensamentos, questionamentos e ideias diversas que movimentam a criatividade e o seu fazer artístico.

6- Acredito que como uma pessoa que escolhe ser artista e professora de circo na vida, a gente entende com o tempo que as relações e essas trocas que fazemos com outros seres humanos vai muito além de uma relação convencional de professor-aluno. Tenho certeza que aprendo muito mais com eles do que eles comigo, e que o circo é um espaço que vai muito além de um lugar de prática física. O circo é um meio social poderoso para todos os envolvidos.

7- Felizmente ser mulher nunca interferiu negativamente nas minhas relações com meus alunos durante as aulas, homens ou mulheres. Como sempre tive turmas com a maioria de mulheres, as aulas acabam sendo um espaço que elas naturalmente se sentem protegidas e acolhidas. Então no geral consigo sentir que é um espaço de respeito e confiança mútuos e que todos se sentem à vontade independente do gênero e da atividade proposta.

- Pedro Martins, DF

1 - Nasci em 1980 e meu primeiro contato com as atividades circenses foi em 1999 em Campinas no ENEARTE, onde conheci o tecido acrobático ou dança aérea. No ano seguinte no ENEARTE do Maranhão eu fiz cursos de acrobacia em dupla, pirografia e acrobacia solo. Em 1999 eu mais algumas amigas compramos um tecido acrobático que creio ter sido o primeiro de Brasília. Éramos eu, Dolores Alessandra, Ana Vaz e Nara Farias. Depois disso fiz aulas de circo com Ronaldo Alves no Setor leste em 2001 por uns 6 meses. Em 2005 retornei as aulas com Ronaldo Alves e conheci a Ana Sofia Lamas. Ainda em 2005 fundamos a Trupe de Argonautas, grupo que unia circenses, dançarinos e atores para fundir essas linguagens.

2 – Eu sempre misturei teatro, dança e acrobacia. Então minhas aulas de dança ou de expressão corporal já tinham essa vertente. A primeira aula regular com o nome de atividades

circenses foi em 2015 no Espaço PÉ DiReitO sendo as aulas da Trupe de Argonautas. Em 2016 comecei a dar aulas para crianças no Colégio Sérios dentro da grade curricular do colégio.

3 – A falta de formação dos professores/instrutores de circo. Por não termos uma formação oficial, não falamos a mesma língua enquanto projeto pedagógico. Lembrando que as aulas são completamente diferentes dentro de uma escola, ou em um curso técnico, ou em aulas livres etc.

4 – Nos prós eu vou citar a diversidade de professores, mitologias, espaços. Já nos contras eu sinto falta de turmas de nível avançado para reciclagem dos próprios professores e monitores.

5 – Acho que fiquei mais exigente com segurança, cuidados e materiais.

6 – Ensinar pessoas não só sobre técnicas e estéticas, mas trazer todas as analogias de flexibilidade, força, mudança de eixo e de ponto de vista, de superação que o circo propicia.

7 - Sim, quando dou aulas para adultos percebo que meu biotipo ajuda na segurança de certos movimentos e o fato de ser homem acho que passa uma confiança para os alunos de que vou dar conta de segurar e apoiar sem deixar eles caírem. Por outro lado, percebi que a maioria dos aerialistas teve como mestres professoras mulheres, então faltavam técnicas específicas de truques normalmente realizados por homens. Quando dou aulas para crianças acho que faz toda a diferença ter professores de ambos os sexos na aula para criar referências imagéticas e corporais das possibilidades, além do fator toque, uma vez que precisamos apoiar, puxar, segurar e empurrar para ensinar determinado movimento. Ainda vejo crianças que têm melhor aceitação quando esse toque é feminino.

8 – Me graduei em cênicas, tive uma base grande de formação em dança, e ainda estou descobrindo os circos, pois eles são muitos. Já fiz diversos cursos, aulas com diversas pessoas em diversas modalidades, um pós graduação em circo. Estou fazendo um curso de 120 h em ensino de circo e ainda vejo o quanto precisamos investir na formação de nossos professores.

- Thiago Enoque, DF, 37 anos.

1– Thiago Enoque Maia de Castro, 37, o circo conheço desde a infância através dos circos itinerantes que se instalavam no descampado que havia ao lado da praça da administração da Ceilândia, onde morava. Porém, o circo enquanto atividade e prática fora do seu ambiente “tradicional” conheci em 2004, mesmo ano que entrei no curso de Licenciatura Artes Cênicas na UnB.

O curso na UnB me abriu as portas para o circo e a dança, na festa de recepção dos calouros, a Calourada, tiveram apresentações circenses e ali fiquei encantado e fui atrás para saber de onde eram aquelas pessoas. Para minha surpresa eram pessoas de Brasília, alguns estudantes da UnB e que faziam ou davam aulas de circo no Minas Tênis Club. As pessoas eram Erika Mesquita, Atawalpa Coello, Julia e Joana Henning, Marco Aurélio entre outras. Poucos dias depois lá estava eu matriculado na turma de circo tendo essas pessoas como professores.

2 – Comecei a dar aulas de circo, principalmente tecido, no ano de 2007 em Salvador. Na época eu estava na graduação em Licenciatura em Dança pela UFBA, o único local que tinha aulas de circo ou tecido ou aéreos na cidade era no circo Picolino e haviam pessoas à minha volta que sabiam que eu dominava essa técnica, pois me viam sempre instalando o meu tecido numa sala da Escola de Dança para praticar, e começaram a me solicitar aulas e percebi que poderia gerar mais um acréscimo na minha renda através da docência. Foi quando surgiu a possibilidade de abrir uma turma num studio de atividades físicas no bairro do Rio Vermelho. Esta turma durou 2 anos.

3 – Quais foram os maiores desafios que você encontrou/encontra pelo caminho?

O primeiro maior desafio sempre foi a falta de lugar acessível para formação técnica e profissional. A oferta de práticas circenses é muito escassa, geralmente se concentrando nos grandes centros de cada cidade, se tratando do DF, as concentrações estão em Brasília, com poucas exceções.

Devido ao privilégio que tive de praticar capoeira na adolescência adquirir uma base para acrobacias de solo, porém, para os aéreos por um tempo foi mais difícil, ainda que hoje aulas de tecido acrobático sejam moda. Pratiquei aéreos por 1 ano e meio em Brasília, quando em 2005 migrei para Salvador, lá treinava sozinho, até que em 2007 abri uma turma e comecei a compartilhar treinamentos. Conheci a Trupeniquim Cia e fui integrante de 2008 a 2010, vindo a treinar diversas técnicas com a cia. No final de 2012 me inscrevi, fiz a prova e fui selecionado para ingressar no curso Integral de Circo e Teatro da Escuela Municipal de Artes Urbanas de Rosario (ARG).

De modo geral, para aprendermos e nos aperfeiçoarmos nas técnicas circenses, principalmente sendo morador do DF, a tendência será sair da cidade para morar em outra que tenha oferta melhor e de maior qualificação.

Outro desafio é a falta de espaço e estrutura adequada, especificamente que tenha altura suficiente para técnicas de aéreos e equipamentos de segurança (tatames e colchões).

4 – Não vejo contras no fato de dar aulas em Brasília, talvez os alunos sim possam ver/ter. Porém, enquanto professor de técnicas circenses, o DF é um Estado que tem muito a crescer neste campo, pois falta qualificação especializado de professores ao mesmo tempo que existem muitas regiões administrativas que têm bastante poder econômico para subsidiar aulas/turmas de circo, e mesmo as satélites mais desfavorecidas economicamente, têm condições de ter aulas a valores mais acessíveis e que de preferência o professor seja morador local, pois a sua realidade econômica (aluguel, transporte, alimentação) será semelhante à local, digo em termos de custo de vida.

Contudo, para que as cidades satélites tenham professores locais, se faz necessário que haja espaços democráticos de formação qualificada/profissionalizante para jovens e adultos dessas regiões, pois serão eles os futuros agentes disseminadores, propagadores e formadores dentro de suas comunidades.

5 – Certamente. Dar aula enriqueceu o meu aprendizado e aguçou o meu senso de criação.

6 – Aprendi para a vida com a docência, e contínuo aprendizado no circo, o sentido de cooperação, colaboração e generosidade. O circo só existe enquanto prática é contaminado desses sentidos, feito uma massa crítica que aos poucos se instala no fazer coletivo da turma. No circo não há competição, todos vibram com o aprendizado do outro e todos se ajudam a crescer em conjunto.

Fazer circo te faz ser mais generoso com suas trocas de experiência e humilde, pois estamos sempre aprendendo uns com os outros.

7 - Acredito que possa interferir, existem movimento em certos aparelhos que são mais favoráveis às mulheres, e vice-versa, por várias questões desde anatômicos à fisiológicos. Por exemplo movimentos em tecido ou trapézio que podem pressionar os testículos e isso certamente não favorece aos rapazes, ainda que com a técnica se resolva essa questão.

Porém, há outros fatores também que diz respeito ao contato físico, tão presente no ensino-aprendizado do circo quando se trata de cuidar ou fazer a segurança no momento em que a aluna(o) executa do movimento. Sobre esta questão posso dizer que desde a minha primeira turma sempre tive a maioria de alunas, porém sempre foi muito instintivo da minha parte a questão ética e de respeito. Busco dialogo direto com cada aluna(o), saber do seu

cotidiano, transpor a relação de professor e aluno, ainda que sempre deixando claro o meu lugar de autoridade – no sentido Paulo Freire - enquanto docente. Isto para que a comunicação seja clara e fluida, para que a turma tenha confiança em compartilhar comigo suas limitações físicas, e até emocionais, seus bloqueios corporais, além de perceberem que como professor de circo, estou ali para ensinar e cuidar, e esta é a parte mais importante no ensino do circo: saber cuidar. E cuidar no caso não se trata de uma questão de afeto, ainda que seja também, mas cuidar de modo físico já que no circo as práticas envolvem alta intensidade de esforço - físico, mental, emocional, já que é uma atividade de auto superação -, e risco de lesões, desde contraturas à quedas que possam gerar torções ou lesões mais graves. Por isso a comunicação deve ser direta e gerar confiança, pois seja ensinando a homens ou mulheres, na prática de execução de uma dada acrobacia há a necessidade de cuidar e nesse cuidar, para resguardar a integridade física – e conseqüentemente emocional- da(o) aluna(o), o professor irá segurar (agarrar) onde for necessário, e possível, para que a pessoa saia ilesa do exercício. E essa é a questão, se o ambiente coletivo de aprendizagem não estiver harmonizado, com todos conscientes e concentrados no que se está fazendo e no que pode ocorrer, existe a possibilidade de algum movimento ou ação de segurança do professor desagradar a aluna(o). E isso pode ser um problema. Porém, como eu disse, nunca passei por essa má experiência.